



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GABRIEL LOUIS MAGALHÃES GALLIZA

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E SEXUALIDADE:
UM RETORNO A FREUD**

**Niterói
2022**

GABRIEL LOUIS MAGALHÃES GALLIZA

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E SEXUALIDADE:
UM RETORNO A FREUD**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de titulação em Bacharel em Psicologia, com habilitação Formação de Psicólogo. Orientadora: **Profa. FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**

**Niterói
2022**

**TERMO DE
APROVAÇÃO**

GABRIEL LOUIS MAGALHÃES GALLIZA

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E SEXUALIDADE:
UM RETORNO A FREUD**

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, de de (data da defesa)

**BANCA
EXAMINADORA**

Profª. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira (Orientadora) - UFF

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa - UFF

Prof. Dr. Valmir Cândido Sbrano - UFF

Obs. A data de aprovação e assinaturas dos membros componentes da banca examinadora são colocadas após a defesa do trabalho

G168r Galliza, Gabriel Louis Magalhães
A relação entre linguagem e sexualidade: um retorno a
Freud / Gabriel Louis Magalhães Galliza. - 2022.
74 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia De Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2022.

1. Psicanálise. 2. Linguagem. 3. Sexualidade. 4. Hipótese
do inconsciente. 5. Produção intelectual. I. Garcia De
Oliveira, Flavia Lana, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu honroso pai, Pedro, por sua integridade e determinação, e à minha amada mãe Tânia, pela dedicação e afeto, que possibilitaram esse percurso.

Aos meus queridos irmãos Raphael e Leandro, pelo companheirismo e suporte, sem os quais eu não seria quem sou.

À professora Flavia Lana, pela generosidade de sua transmissão sempre muito empenhada que inspira os meus estudos. É um grande privilégio tê-la como orientadora.

Ao professor Valmir Sbano, por suas aulas incríveis que me apresentaram à psicanálise, e ao professor Carlos Costa, por sua supervisão atenta e cuidadosa, que possibilitou meu primeiro contato com a prática clínica.

À Ariel com carinho, pela amizade e parceria nos estudos desde o início da graduação.

Às amigas de Cláudia, Gabriel, Júlia e Nathália pelos bons momentos, trocas e conversas.

Ao Angelo, e aos demais colegas dos grupos de estudos e da equipe de estágio em clínica no SPA, que participaram de forma bastante relevante na minha formação.

Aos meus amigos de colégio, que me apoiaram, e com os quais compartilhei alegrias e tristezas.

Aos pacientes do SPA, que tanto me ensinam.

À minha analista Rosa, por sua escuta atenta e cuidadosa, também pelo esforço para possibilitar que um sujeito advenha.

À professora Tania Coelho dos Santos por suas excelentes aulas e transmissão.

Ao Instituto de Psicologia da UFF, seus funcionários e professores, por garantirem as condições de possibilidade de uma formação pública de excelência.

Enfim, a Deus, que o futuro pertence, pela oportunidade.

DEDICATÓRIA

*Dedico aos professores e professoras que me formaram,
especialmente Carlos, Flavia e Valmir.*

Às novas gerações instigadas pela psicanálise.

Em memória de Francisco, Cleyde, Clóvis, Ester, Maria e Eni.

RESUMO

Para estabelecer relações entre linguagem e a sexualidade, essa monografia retorna a alguns conceitos fundamentais da teoria freudiana e os articula à releitura realizada por Lacan em seu primeiro ensino. A discussão parte da apresentação da hipótese do inconsciente como uma hipótese científica essencial para que se possa alcançar a estrutura para além dos fenômenos clínicos. A sexualidade abordada pela ampliação de seu conceito e como etiologia das neuroses permite um entrelaçamento entre clínica, linguagem e sexualidade, na medida em que a neurose é o negativo da perversão. A dimensão dos registros é retomada apresentando a concepção de Freud a respeito da memória e aproximando-a da linguagem lacaniana. Assim, também os fenômenos psíquicos, como os sonhos, por exemplo, podem ser lidos como um texto, e interpretados. Além disso, o tratamento pela palavra através do laço transferencial demonstra que trata-se, em psicanálise, de uma abordagem clínica e de uma hipótese do inconsciente que dependem, fundamentalmente, de uma estrutura de linguagem. Por fim, este trabalho aborda o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, como também seus efeitos de perda de realidade.

Palavras-chave: linguagem; sexualidade; hipótese do inconsciente; estrutura; transferência

ABSTRACT

In order to establish the relations between language and sexuality, this final paper returns to the fundamentals concepts of freudian theory and articulates them with the rereading done by Lacan in his first teaching. The discussion departs from the presentation of the hypothesis of unconscious as a scientific hypothesis essential to enable the reach of a structure beyond the clinic's phenomena. The sexuality approached by the expansion of its concept and as the etiology of neurosis allows an intercross between clinic, language and sexuality, according as the neurosis is the negative of perversion. The dimension of registers is retaken presenting Freud's conception about memory and approximating to the lacanian language. Hence, also the psychic phenomena, as dreams, for example, can be read as a text, and interpreted. Besides that, the treatment by word through the transferential bond demonstrates that treats, in psychoanalysis, of a clinic approach and of a hypothesis of unconscious that depend, fundamentally, of a language structure. Lastly, this work approaches the differential diagnosis between neurosis and psychosis, as well as their reality loss effects.

Key-words: language, sexuality, hypothesis of unconscious; structure; transference

ÍNDICE

Introdução	p. 11
 Capítulo 1 - A hipótese freudiana do inconsciente:	
1.1 - O inconsciente, uma hipótese científica.....	p. 15
1.2 - Determinismo psíquico no campo da fala e da linguagem.....	p. 21
1.2.1 - Um exemplo clínico de um ato falho que vem em lugar de um dizer inconsciente.....	p. 26
1.3 - A ampliação do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses.....	p. 29
 Capítulo 2 - O inconsciente estruturado como uma linguagem	
2.1 - O aparelho psíquico é estruturado como memória.....	p. 36
2.2 - A linguagem de Freud a Lacan.....	p. 39
2.3 - Linguagem e sexualidade. O sonho “Injeção de Irma”.....	p. 44
 Capítulo 3 - Sexualidade, sujeito, e linguagem	
3.1 - Wo Es war, soll Ich werden [Onde Isso era, um Eu deve advir].....	p. 52
3.2 - Diagnóstico diferencial e a perda de realidade na neurose e na psicose.....	p. 57
 Considerações finais	p. 63
 Referências bibliográficas.....	p. 67

Be the best of whatever you are

(Douglas Malloch)

*Se você não puder ser um pinheiro no topo da
montanha,
Seja um arbusto no vale – mas, seja
O melhor arbusto à beira do regato.
Seja um ramo se você não puder ser uma árvore.
Se você não puder ser um ramo, seja um pouco de
grama,
E dê alegria a algum caminho.
Se você não puder ser almíscar, seja apenas uma
tília,
Mas, seja a tília mais bela do lago.
Não podemos ser todos capitães, temos de ser
tripulação.
Há alguma coisa para todos nós aqui
Há grandes e pequenos outros trabalhos a
realizar
E esta é a próxima tarefa que devemos
empreender.
Se você não puder ser uma estrada, seja apenas
uma senda
Se você não puder ser o sol, seja uma estrela
Não é pelo tamanho que você terá êxito ou
fracasso,
Mas, seja o melhor do que você puder ser.*

- Tradução de Francisco Galliza

INTRODUÇÃO

Naturalmente, a escolha por esse tema não é aleatória. O que não quer dizer que não haja nada de arbitrário nisso. A ação conjunta entre disposições singulares e ocorrências casuais levaram-me ao curso de psicologia da UFF, onde conheci ótimos professores que me despertaram cada vez mais o interesse pela psicanálise. Sem dúvida a escolha do tema é atravessada por essas transmissões.

Mesmo já tendo ouvido falar de Freud e da psicanálise antes, de modo a me gerar curiosidade e interesse de conhecer mais a fundo, o primeiro despertar para a leitura das obras de Freud se deu no segundo período, na disciplina de *Teorias e Sistemas Psicológicos I* com o professor Valmir Sbrano. Suas aulas eram o melhor momento da semana, e eu assistia sempre atento para não perder nenhuma palavra. Era tudo muito novo e complexo, mas de alguma forma fazia muito sentido. Instigado por suas aulas, comecei a pedir mais indicações de textos. Certamente o laço aí constituído de pedir recomendações de tempo em tempo e tirar dúvidas foi uma boa maneira de iniciar o percurso. Infelizmente, não posso dizer que sou alguém com uma vasta bagagem de leituras em geral, e nem me considerava de fato um leitor antes do despertar para as obras de Freud. Meu interesse por livros e pela leitura começa de forma mais decidida aí, com as leituras de textos como “Lembranças Encobridoras”, “O Caso Dora” ainda durante o período, e “Estudos sobre a Histeria” durante todas as férias de meio do ano. Lembro também que na época eu estava muito fascinado pela hipnose. Provavelmente de um jeito um tanto megalomaniaco, mas acredito que possa ter sido a primeira manifestação do interesse pelo tema da linguagem na psicanálise. Parecia tão mágico que palavras pudessem causar adoecimentos e eram também ferramentas de cura. Mas foram as palavras de Valmir e outros professores que fizeram despertar um desejo genuíno por mais conhecimento.

Mas a minha sorte de encontrar bons professores não terminou aí. Em 2019, no quarto período do curso de psicologia, conheci a professora Flavia Lana, cuja excelência reconheci de imediato. Ainda lembro do dia que fui perguntar a ela sobre a possibilidade de um grupo de estudos. O estudo aconteceu, passou pela UFRJ, e agora, felizmente, está de volta à UFF. De modo que, a sua transmissão não percorre apenas o tempo, mas também o espaço — ela inaugura uma nova dimensão nos estudos em psicanálise. Lembro-me de outras conversas, em que a questão da linguagem já se insinuava, além de uma explícita curiosidade por Lacan. O bom encontro com a professora Flavia Lana, contudo, não se encerra nela, mas vai além, possibilitando outros bons encontros e novas descobertas. Através dela conheci a professora Tania Coelho dos Santos, cuja transmissão me despertou o interesse de tal forma que, um dia,

encontrei um artigo seu com a psicanalista Marcia Aparecida Zucchi, intitulado *O Fantasma e o Real: Sobre a Desigualdade entre os Sexos* (2006), o qual destaco aqui, pois foi a partir desse artigo que escolhi o tema.

Foi a partir, mais precisamente, da seguinte passagem:

Trata-se, neste primeiro ensino, do período no qual Lacan buscará retomar a descoberta freudiana, a partir das bases que lhe pareciam efetivamente originais, ou seja, das relações que Freud havia descoberto entre a sexualidade e a linguagem (ZUCCHI; COELHO DOS SANTOS, 2006, p. 4).

O tema da linguagem desperta em mim uma curiosidade distintiva e gera muitas questões. A origem desse interesse, do que pude rastrear, me remete à transmissão do gosto pela poesia, de pai para filho há pelo menos duas gerações. Com um avô muito afeito à leitura e à escrita, e um pai com um pensamento marcado pelo raciocínio matemático, vejo-me no exercício de conjugar, rimar esses traços, o que parece favorecido pela psicanálise. Esta é marcada por operações lógicas e estruturas que parecem combinar aulas de português e matemática. Afinal, o próprio Freud chama atenção em sua *Interpretação dos Sonhos* para o fato de que a formação onírica é um texto produzido por uma combinação de elementos. Será que poderíamos dizer que a interpretação do sonho é a análise combinatória de um texto?

O terceiro eixo da minha formação serve de ponto de basta e de virada em relação à profusão de abstrações e hipóteses sem pragmatismo. O estágio em clínica psicanalítica no SPA, possibilitado pelo professor Carlos Costa, apresenta, através da escuta na clínica e em supervisão, um solo fértil para colher e acolher as evidências materiais que sustentam o mais fundamental: a experiência do inconsciente. Se esta elaboração do tema escolhido puder dar ressonâncias na prática clínica, então estará contribuindo também para a formação de um futuro psicanalista.

Assim, o tema das relações entre linguagem e sexualidade ganha importância teórica e técnica a partir da releitura lacaniana da obra freudiana. Para Lacan, a prática psicanalítica se sustenta no laço com o Outro da estrutura da linguagem, e, por essa via, possibilita a emergência de um sujeito. A centralidade dessa abordagem, nessa orientação, se verifica ainda pela articulação, até onde é possível, entre as noções de “linguagem” e “sexualidade” e as balizas que organizam a obra freudiana, a saber, as tópicos do aparelho psíquico e as teorias pulsionais. O aparelho psíquico é pensado como formado por sistemas, ou instâncias que se comunicam e interagem, trata-se de uma topologia, um relevo, uma estrutura que é apresentada ainda nas perspectivas econômicas e dinâmicas. A perspectiva econômica se aproxima diretamente da sexualidade no sentido dos impulsos da pulsão, enquanto o dinamismo se revela na interação integrada desses elementos e vetores. De modo que a

dinâmica psíquica entre a topologia do aparelho e a economia pulsional corresponde em grande medida ao eixo central desse trabalho: a sexualidade não se organiza sem a estrutura da linguagem, e é a dimensão sexual que organiza o inconsciente.

Esse trabalho revisita as tópicas freudianas, perpassando os conceitos fundamentais, mas privilegia os primeiros tempos da obra freudiana, dando ênfase a textos que, em geral, são pouco discutidos, tais como *Sobre a concepção das afasias* (FREUD, 1891/2015) e *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (FREUD, 1950[1895]/1996), para demonstrar que trata-se, em psicanálise, de uma abordagem clínica e de uma hipótese do inconsciente que dependem, fundamentalmente, de uma estrutura de linguagem. Nesta monografia, a linguagem ganhou destaque em relação à sexualidade, uma vez que, para mim, a concepção de estrutura é mais evidente quanto à sexualidade do que quanto à linguagem, nas obras de Freud. Por exemplo, a concepção de organizações da libido parece-me menos complexa de ser aproximada da noção de estrutura, do que a concepção do sonho como um texto. Com isso, contudo, não quero dizer que seja simples a concepção freudiana de sexualidade. Mas que Freud é muito mais claro ao abordá-la. A ampliação do conceito de sexualidade é muito presente em toda a obra do autor, principalmente entre os anos de 1905 com a publicação de *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, e 1920 com o novo dualismo pulsional de *Além do Princípio do Prazer*, tempo em que ele se dedicava, em maior peso, à formalização da dinâmica intrapsíquica essencialmente guiada pela neurose como negativo da perversão.

O objetivo específico desta monografia é humilde, de modo que eu ficaria muito contente se conseguir abordar, de forma acessível e coerente, conceitos essenciais do percurso em Freud, tendo no horizonte o primeiro ensino de Lacan como bússola para retornar aos fundamentos freudianos. O intuito é, portanto, contribuir para o despertar do espírito científico e trazer um pouco de luz ao que é mais fundamental na teoria e técnica psicanalítica, retomando as primeiras articulações entre os autores, buscando trilhar uma ponte no abismo que os separa. Diante da complexidade dos primeiros passos, não se pode esperar um percurso que não seja trôpego, contudo é caindo que aprendemos a nos levantar. De modo que a aposta é que o caráter muitas vezes lacunar e insuficiente das articulações realizadas possa ser mais um motor às futuras investigações. Essa elaboração escrita visa formular argumentos e questões a respeito dos conteúdos abordados nesse início de caminhada pela psicanálise. O que aqui se encontra é apenas articulações que se inserem no campo do que me foi transmitido, como uma síntese do meu percurso de graduação.

No primeiro capítulo, começo retomando o posicionamento científico da psicanálise diante dos fenômenos psíquicos a partir da hipótese do inconsciente. O inconsciente

freudiano, comparado a um sistema mnemônico, não se restringe a um baú de coisas obscuras, nem é caótico. Ele é determinado por leis inconscientes que o regem e atuam de maneira muito ativa, muitas vezes contra a nossa vontade consciente, o que se manifesta em atos falhos, por exemplo. Fenômenos como atos falhos, sintomas, chistes e sonhos, dão evidências da divisão subjetiva presente na estrutura neurótica. É como algo que irrompe gerando graça ou mal-estar que o inconsciente se manifesta, revelando resíduos da sexualidade infantil que é constituinte do ser humano.

Em seguida, no segundo capítulo, busco retornar a Freud com Lacan, para introduzir, através de passagens da obra freudiana, a demonstração da fórmula lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem. Retomo diferentes tempos da obra freudiana e apresento a segunda tópica do aparelho psíquico buscando provas de que o aparelho psíquico é uma estrutura de linguagem. Para ilustrar essa discussão com um fenômeno clínico, reproduzo o sonho “Injeção de Irma” do Freud (1900/2019) junto a um resumo da análise feita pelo autor. Com esse exemplo de sonho, a intenção é articular linguagem e sexualidade apontando que o texto onírico se compõe por um processo de cifragem e decifragem que realiza um desejo de forma alucinatória.

Por fim, no terceiro capítulo, o objetivo é dialogar mais com a clínica. A instância do Eu é destacada como mediadora entre as demais instâncias, e também como mediação à tarefa terapêutica de possibilitar a emergência do inconsciente através do método psicanalítico. Isso se dá recorrendo à função e ao campo da fala e da linguagem, sob transferência. Assim também é trazido ao debate a questão do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose na psicanálise. Um exemplo clínico apresentado por Lacan é retomado para ilustrar a diferença da perda de realidade na neurose e na psicose, que gera consequências não só ao indivíduo, mas também ao laço social, e é tratada pela clínica psicanalítica.

Esse trabalho não tem pretensões de esgotar as articulações que poderiam ser realizadas entre os conceitos de linguagem e sexualidade, o que sequer seria possível, não só pelo curto período de estudo e dedicação ao tema, mas também pela impossibilidade própria à introdução desses elementos. As únicas pretensões são as de fundamentar os argumentos que articulam os diferentes autores na bibliografia escolhida, de modo a servir para o aprofundamento teórico com a formulação de novas perguntas, a aquisição de método de pesquisa, e a construção de novas ferramentas clínicas que sirvam para a escuta de orientação psicanalítica e para a vida.

CAPÍTULO 1

A hipótese freudiana do inconsciente

1.1 - O inconsciente, uma hipótese científica

Antes de mais nada, o que levou Freud à invenção da psicanálise como novo procedimento de investigação, campo do saber e método de tratamento (FREUD, 1923a/2019), foi uma postura determinadamente científica. Ele buscou trazer luz a fenômenos até então tidos por irracionais e aleatórios que só tinham voz dentre os místicos, e explicou acontecimentos no corpo que contrariavam a lógica hegemônica da casuística orgânica. Seu legado, a psicanálise, dá um novo passo no desenvolvimento científico e no tratamento de afecções psíquicas a partir da formulação da hipótese do inconsciente, ao introduzir como objeto de estudo e investigação científica os processos psíquicos pelos quais o pensamento humano se estrutura e as forças internas que operam na psique humana (FREUD, 1933b/2020).

Em *Acerca de uma Visão de Mundo* (1933b/2020), Freud afirma que a psicanálise compartilha da visão de mundo da ciência, e não cria ela própria uma visão de mundo. Entende-se por “visão de mundo” uma hipótese geral, que tomando por base alguns pressupostos visa solucionar todas as questões da existência. A visão de mundo da ciência se distancia dessa definição, uma vez que adia o alcance dessa resposta total para o futuro. A maneira científica de ver o mundo

afirma que não há outra fonte de conhecimento senão a elaboração intelectual de observações cuidadosamente checadas, isto é, o que chamamos de pesquisa, não existindo, ao lado dela, nenhum conhecimento derivado de revelação, intuição ou adivinhação (FREUD, 1933b/2020 p. 323).

Mas a ciência moderna não existe desde o começo da humanidade. Seu surgimento faz advir o sujeito da ciência, aquele que Lacan (1966/2021) afirma ser o sujeito sobre o qual a psicanálise opera. E, por outro lado, rompe com a visão de mundo religiosa que até então prevalecia (COELHO DOS SANTOS; LOPES, 2013). O mundo antigo tinha em Deus o princípio organizador de todas as coisas, fossem fenômenos naturais, ou a constituição do laço social; tudo podia ser explicado como sendo segundo a vontade do Criador. Contudo, a inconsistência de tais explicações, tal como à descrença infantil na história das cegonhas para explicar o surgimento dos bebês (FREUD, 1908/2018), levou os espíritos científicos do

passado, como Galileu, Newton e Descartes, à dúvida e ao exercício lógico de formulação das bases do conhecimento e de explicações sobre a natureza. O universo passa a ser entendido como ordenado por mecanismos, assim como um relógio.

Poder-se-ia facilmente contrapor-se à ciência com a questão: se ela fosse assim tão eficaz e implacável em solucionar as questões existenciais e os anseios humanos, por que ainda haveria religião, e sobretudo a crença na transcendência? Parece ser necessário mais do que um martelo para destituir a transcendência, e a dúvida também não a elimina.

Freud ressalta o estatuto de incompletude da ciência (1933b/2020) quanto às explicações totalizantes dos fenômenos, de tal maneira a comparar o cientista a uma criança (FREUD, 1908/2018). Remonta as raízes do ímpeto à pesquisa aos primórdios da vida (1905/2017). As crianças buscam explicar o mundo a sua volta repleto de enigmas, como a origem de sua existência e a diferença sexual (1905/2017), e para isso constroem respostas, formulam teorias sexuais.

Embora se enganem de forma grotesca, cada uma delas [as teorias sexuais] contém um quê de verdade, nisto semelhante as tentativas dos adultos, consideradas “geniais”, de solucionar os problemas demasiado difíceis que o universo traz à compreensão humana. O que é correto e certo nessas teorias se explica por sua proveniência dos componentes do instinto [pulsão] sexual que já atuam no organismo da criança; pois não é arbítrio psíquico ou impressões ocasionais que fazem surgir tais suposições, mas as necessidades da constituição psicosexual (...) (FREUD, 1908/2018, p. 398).

A semelhança entre as teorias sexuais infantis e a ciência está na compreensão que buscam, e na incompletude que alcançam (FREUD, 1905/2017) (FREUD, 1908/2018). Apesar de se servirem de processos psíquicos distintos, ambas se caracterizam pelo rechaço do saber da tradição (COELHO DOS SANTOS; LOPES, 2013). Nesse ponto a religião, parece tomar a dianteira, revelando-se como “um inimigo sério” contra a ciência, pois “é um poder tremendo, que dispõe das mais fortes paixões dos seres humanos” (FREUD, 1933b/2020).

O autor aponta que a religião cumpre três funções: “satisfaz a ânsia de saber humana”, “alivia a angústia das pessoas ante os perigos e as contingências da vida”, e “instaura preceitos e formula proibições e restrições” (FREUD, 1933b/2020, p. 327). Já a ciência, embora ofereça explicações para os fenômenos que muitas vezes resultam em intervenções protetoras junto aos perigos e mazelas do mundo, não tem como atender ao apelo humano por amparo diante das incertezas, nem fornecer uma resposta última a como lidar com isso.

Freud demonstra como essa transcendência, chamada de “Pai” pelos religiosos, é de fato o pai da infância que garantiu a sobrevivência da criança. “A força afetiva dessa imagem da lembrança e a persistência da necessidade de proteção sustentam a sua crença em Deus”

(FREUD, 1933b/2020, p. 329). O mesmo pai ou instância parental, que protegeu o filho fraco e desamparado também lhe mostrou o que deve e o que não deve fazer, transmitiu-lhe seus direitos e deveres dentro da família e da cultura para que se tornasse um membro tolerado (FREUD, 1933b/2020).

É dessa condição fundamental de desamparo do ser humano que a ciência nada quer saber (COELHO DOS SANTOS; LOPES, 2013), por não poder solucionar nem por teses, tampouco pelos produtos da tecnologia, e dessa forma permanece como um resto ineliminável de mal-estar na civilização (COELHO DOS SANTOS, 1999) (FREUD, 1930/2020), ressurgindo através das afecções psíquicas. Freud (1917e/2019) aponta a chave para compreender as neuroses de transferência ao “fazê-las remontar à situação fundamental em que (...) a posição do Eu como ser individual conflita com aquela de integrante de toda uma série de gerações” (p. 547-548). Ou seja, o neurótico é aquele que, como o sujeito da ciência, recalçou o saber transmitido pela tradição.

Uma vez que algo tenha sido inscrito na vida psíquica, via de regra, não poderá ser apagado (FREUD, 1930/2020). Essa noção freudiana, presente já em seus estudos na neurologia, aplica-se também à sua construção do aparelho psíquico. Junta-se a essa a afirmação do determinismo psíquico para constituir os fundamentos da hipótese do inconsciente, como hipótese legítima e necessária (FREUD, 1915c/2019), a ser demonstrada pela experiência. O retorno da imagem da lembrança do pai, seja na crença religiosa do adulto, ou na dependência do sujeito da ciência da tradição, dá provas de que a amnésia não elimina o conteúdo do psiquismo.

Isso Freud encontrou na clínica das psiconeuroses desde o começo. Seu mestre e amigo Joseph Breuer, a quem o pai da psicanálise atribui a possibilidade de sua criação, lhe transmitiu o método catártico como um tratamento eficaz na remissão dos sintomas de histeria (FREUD, 1914b/2020). Numa época em que as histéricas eram tidas por dissimuladoras pelos médicos, pois não se encontrava nenhuma causa orgânica para o adoecimento, ou eram tratadas por métodos físicos, como eletroterapia e banhos gelados, Breuer e Freud escreveram os *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895/2017) anunciando um novo método capaz de tratar o psíquico pelo psíquico através de outro uso da hipnose. No lugar da sugestão direta, já utilizada por Bernheim e Charcot em suas demonstrações, o método catártico consistia em buscar a cura através da fala da própria paciente através de uma narrativa regressiva da história de seu sintoma (FREUD, 1914b/2020). Para isso seria necessário acessar um estado de consciência alterado (estado hipnoide) em que seria possível à paciente reviver o momento

traumático inicial, e assim conduzir o afeto estrangulado à descarga por meio da ab-reação (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017).

Desta forma, foi possível constatar a existência de uma conexão causal entre o trauma e o fenômeno patológico (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017). O trauma, ou melhor, a lembrança da primeira ocorrência traumática, permanece como o agente provocador da doença, devido à sua intensidade afetiva, que não foi desgastada por uma reação adequada, ou pela correção associativa, isto é, pela expressão do mal-estar e sua elaboração no campo da palavra. Ao invés disso, a impossibilidade da reação, o recalque intencional¹, e/ou a presença de um estado hipnoide promoveu(eram) a cisão da consciência, isto é, a formação de um grupo psíquico afastado da consciência normal, com os elos associativos rompidos. Esta cisão da consciência produz, então, uma segunda consciência (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017).

Essa segunda consciência é o conceito precursor do inconsciente freudiano, coincidindo com ele somente no sentido descritivo de algo que não tem a qualidade da consciência, e aproximando-se do sentido dinâmico, uma vez que não é capaz de tornar-se consciente de forma espontânea. Embora não haja nesse momento uma formulação do aparelho psíquico, uma aproximação topológica se dá na medida em que Freud afirma que “o histérico sofre sobretudo de reminiscências” (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 25), e adota a postura clínica que nos revela: “Decidi partir do pressuposto de que minha paciente também sabia tudo que de algum modo tivesse significado patogênico e que se tratava apenas de forçá-la a comunicá-lo” (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017). Assim, apostava que o material psíquico relevante para o tratamento não estava perdido, apenas dissociado da consciência.

Essa separação patogênica do grupo psíquico que reúne as lembranças do trauma tem seu paralelo na dissociação entre ideia e afeto, que o método catártico visa desfazer através da ab-reação. Esta desconexão é a essência do que veio a ser denominado o recalque (FREUD, 1915b/2019), que consiste no afastamento do conteúdo ideativo da consciência, e na supressão do afeto no primeiro momento, que retorna num segundo tempo - o retorno do recalcado (FREUD, 1915b/2019) - de forma deformada como um sintoma, por exemplo. Contudo, o afeto retorna ligado a outra ideia substitutiva ou a uma região do corpo, provocando para o Eu consciente do doente um desconhecimento sobre o que lhe aflige,

¹ Aqui faço menção à passagem: “(...) o doente queria esquecer e por isso intencionalmente reprimiu [recalcou], inibiu e suprimiu de seu pensamento consciente” (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 29). Este é o primeiro uso do verbo recalcar (*verdrängen*) que ainda não carrega o peso metapsicológico que viria a adquirir para a psicanálise.

devido ao rompimento da associação causal entre afeto e ideia (FREUD, 1915b/2019) (FREUD, 1917a/2019).

Na conferência *A Fixação no Trauma, o Inconsciente* (1917a/2019), Freud se pergunta “como, de que maneira e por forças de quais motivos uma pessoa assume postura tão singular e tão desvantajosa diante da vida?” (p. 365), apontando implicitamente que “(...) a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente; ou seja, é promovida por um esforço de vontade cujo motivo pode ser especificado” (FREUD, 1894/1990, p. 27 do pdf), ou seja, o adoecimento é resultado de um posicionamento diante dos impasses que exigem resposta. “Com isso, é claro, não pretendo dizer que o paciente tencione provocar uma divisão da sua consciência. A intenção dele é outra, mas, em vez de alcançar seu objetivo, produz uma divisão da consciência” (FREUD, 1894/1990, p.27 do pdf).

A intenção ao afastar a lembrança traumática da consciência é poupar o Eu das dores que essa lembrança causa. Contudo, “a repressão [recalque] não impede a representante do instinto [pulsão] de prosseguir existindo no inconsciente, de continuar se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões” (FREUD, 1915b/2019). A neurose é, portanto, uma consequência da falha do recalque, uma vez que o conteúdo traumático não deixou de existir, ao invés disso produziu uma fixação no inconsciente. A consequência da permanência da lembrança no inconsciente é o “não saber sobre processos psíquicos acerca dos quais deveríamos saber” (FREUD, 1917a/2019).

Ao relatar um caso clínico de uma paciente neurótica obsessiva na conferência supracitada (1917a/2019), Freud aponta que “nela atuavam processos psíquicos cujo efeito era a ação obsessiva; no estado psíquico normal ela percebia esse efeito, mas as precondições psíquicas desse efeito não chegavam ao conhecimento de sua consciência” (p.370).

Torna-se, então, necessária a hipótese do inconsciente (FREUD, 1915c/2019), uma vez que ela permite um ganho de sentido sobre qual é a lógica que está em jogo e opera nos fenômenos lacunares, por exemplo no sintoma decorrente de uma amnésia.

[...] nessas ideias e impulsos que surgem não se sabe de onde, comportam-se de maneira resistente a toda influência da vida psíquica de resto normal, dando ao próprio doente a impressão de serem hóspedes poderosos oriundos de um mundo estranho, imortais que se intrometeram no torvelinho dos mortais - nisso, pois, é necessário reconhecer a indicação mais nítida de um domínio especial, apartado do restante da vida psíquica. Isso leva, por um caminho inequívoco, à convicção da existência do inconsciente na psique [...] (FREUD, 1917a/2019, p.371).

Além disso, essa hipótese é legítima, pois sua formulação é fundamentada na observação como em qualquer outra ciência, mas diferentemente das demais toma o próprio aparelho psíquico por objeto de estudo. A psicanálise parte do fato conhecido da consciência,

mas reconhece que os processos psíquicos conscientes não formam séries ininterruptas em si mesmas (FREUD, 1940[1938]a/2020), sendo necessário supor processos inconscientes que os determinem, bem como às suas lacunas. As manifestações percebidas que não se consegue ligar ao restante da vida psíquica são atribuídas ao mundo externo (FREUD, 1915c/2019). O que a psicanálise faz é devolver à própria pessoa aquilo que muitas vezes é atribuído aos outros e a fatores exclusivos do mundo externo, para que aí se reconheça algo do que lhe diz respeito, o seu inconsciente. Ou, nas palavras do autor: “(...) a psicanálise adverte para não se colocar a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente, que é o objeto desta percepção” (FREUD, 1915c/2019, p.108).

O que, contudo, determina qual será o processo psíquico inconsciente que será objeto da percepção? O que significa falar que existe um determinismo psíquico? E, sobretudo, qual é a importância prática dessa noção?

Ao leitor atento dos *Estudos sobre a Histeria* não passa despercebido a frequência de pais adoecidos nos casos de histeria, ou mais precisamente, da presença da figura do pai ou seus substitutos como figuras de autoridade (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017). As posteriores investigações freudianas apontaram o fator determinante dessa figura na causação das psiconeuroses, a tal ponto de falar em um complexo relativo ao pai (FREUD, 1909/2020) - depois denominado complexo de Édipo - como o complexo nuclear das neuroses (FREUD, 1909/2020).

Por que a consistência do lugar paterno recalcado pelo sujeito da ciência retorna na insistência da relação íntima entre a figura paterna e o fator etiológico das histerias? Temos uma primeira resposta. Porque nada do que já foi inscrito no psiquismo pode ser apagado, porque o registro do inconsciente dá ao conteúdo expulso da consciência outro estatuto, o de uma fixação, que retorna (FREUD, 1915b/2019) (FREUD, 1917a/2019).

Ao afirmar que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência (LACAN, 1966/2021), esse que rechaçou o saber da tradição a partir do rompimento da visão de mundo que tinha em Deus um consistente princípio organizador do cosmos, Lacan nos dá subsídios para afirmar que o inconsciente não é algo que diz respeito apenas à psicopatologia, mas também à vida cotidiana dos sãos. Essa noção é primeiramente freudiana e será retomada mais à frente.

1.2 - Determinismo psíquico no campo da fala e da linguagem

No cerne da contribuição freudiana à ciência está a inclusão do determinismo de certas leis lógicas também na esfera psíquica (FREUD, 1933b/2020). Contudo, o arbitrário também está presente como acaso, surpresa, contingência, e na dimensão da singularidade sempre em jogo. A técnica psicanalítica aborda essa complexidade da organização psíquica mediante um método clínico apurado, que se atenta às múltiplas faces do que se manifesta para alcançar a causa, a estrutura para além do fenômeno. Para tanto, Freud se dedicou à investigação de psicopatologias, que puderam lhe ensinar também sobre o funcionamento psíquico comum.

O nascimento da psicanálise acontece quando Freud renuncia à hipnose e adota a técnica da associação livre como a regra fundamental da psicanálise (FREUD, 1914a/2020). Essa mudança indica a insuficiência da técnica hipnótica para a investigação da etiologia das psiconeuroses, e representa um importante deslocamento do lugar ocupado pelo terapeuta, que abandona a mestria - equivalente ao dos sacerdotes de outrora que realizavam curas milagrosas - e assume uma posição de não saber sobre a causalidade psíquica da neurose do paciente, conferindo ao paciente participação ativa na produção de saber durante o tratamento (FREUD, 1890/2018).

A dificuldade de levar seus pacientes ao transe colocou Freud diante da questão: como promover a recordação do conteúdo patogênico esquecido prescindindo da hipnose? De que outra maneira é possível acessar o inconsciente, de modo a possibilitar um trabalho psíquico mais elaborado do sujeito sobre as causas da formação de seus sintomas?

Nos *Estudos Sobre a Histeria* (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017) é possível encontrar diversos momentos em que Freud se deparou com a dificuldade de colocar a paciente em transe, ou com resistências à recordação mesmo em estado hipnótico, tendo que recorrer a outras técnicas como a pressão na testa ou a contagem dos números para trazer à tona a lembrança de uma data, por exemplo. As histéricas tiveram um papel ativo fundamental na constituição da nova técnica, por exemplo Emmy von N., que em um dia de seu tratamento, “Bastante agastada, me diz que eu não devia perguntar de onde vinham isso e aquilo, mas sim deixá-la contar o que tinha a me dizer” (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 96).

Assim, o desafio de fazer os pacientes comunicarem o que não sabiam encontrou a via para sua solução no estabelecimento da regra fundamental da técnica psicanalítica: fale tudo o que lhe vier à mente, ainda que pareça irrelevante, sem sentido, ou que lhe seja desagradável, e não ceda jamais à crítica (FREUD, 1913/2020).

Apesar do estabelecimento da nova técnica, o objetivo da terapia psicanalítica ainda tem como base a recordação, mas não visa a uma catarse e sim ao restabelecimento dos nexos rompidos, isto é, transformar o inconsciente em consciente, o que é feito através da fala (FREUD, 1914a/2020). Durante o tratamento, contudo, as associações se inibem, ou o paciente é tomado por uma grande dificuldade de comunicar o que lhe ocorre. É quando a resistência aparece como um limite das associações. Mas, se o método de Breuer isolava esse fator, a psicanálise, por sua vez, busca investigar a atuação dessa força contrária ao tratamento (FREUD, 1923a/2019). Freud ressalta a importância da transferência – o laço libidinal entre analista e analisando –, como o principal motor da análise, conferindo-lhe também o estatuto de mais forte resistência (FREUD, 1914a/2020). Se as associações cessam, deve haver algo sobre a relação transferencial que necessita ser interpretado. Ou seja, o uso da associação livre possibilita a recordação ao escapar das resistências do pensamento comum da vigília. Contudo, a resistência reaparece cessando as associações, o que é resolvido através da superação das resistências como efeito da interpretação (FREUD, 1914a/2020). Então não apenas as associações dizem algo, mas também o que vem em seu lugar quando interrompidas.

Se a resistência é um modo de dizer, o que e como ela diz?

A psicanálise das neuroses faz uso abundante das duas teses - a de que, com o abandono das representações com meta conscientes, o domínio sobre o curso das representações passa para as representações com meta ocultas, e a de que as associações superficiais apenas substituem, por deslocamento, as associações mais profundas e reprimidas [recalcadas]. Essas duas teses se tornam, inclusive, pilares da técnica psicanalítica (FREUD, 1900/2019, p. 582).

As associações não são livres porque se deparam com resistências, mas tampouco as resistências são livres. Ambas são determinadas pela influência que sofrem do inconsciente. Mas o que isso significa?

Freud caracterizou a neurose como o resultado de um conflito psíquico entre o Eu e o inconsciente, que expressa o jogo de forças do dualismo pulsional: pulsão sexual e pulsão de autoconservação (FREUD, 1917e/2019). Por um lado, neste tempo de sua obra, Freud valoriza o Eu, sobretudo, como um aliado terapêutico que visa à melhora. Por outro, a partir de sua segunda topografia do aparelho psíquico, Freud confere ênfase à resistência que parte desse mesmo Eu, mas da sua porção recalcada, enraizada nas satisfações pulsionais do inconsciente. Estabelece-se então uma disputa em que o resultado dependerá do fator quantitativo das pulsões (FREUD 1940[1938]a/2020).

Em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2017) apresenta pela primeira vez o conceito de pulsão, especificamente a pulsão sexual, para designar a força que atua na sexualidade humana, cuja principal característica é não ser instintiva. A pulsão é um estímulo endógeno, uma força constante que faz uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico para ser ligada a representações e então descarregada para o alívio da tensão segundo o princípio do prazer (FREUD, 1915a/2019).

Cada instância psíquica é regida por certas regras e processos segundo os quais elaboram a pulsão, mas permanece como função primária do aparelho psíquico a tarefa de livrar-se da tensão através da descarga de estímulos, sem maiores ponderações sobre as consequências disso na realidade e para o próprio indivíduo (FREUD, 1911/2020) (FREUD, 1950[1895]/1996). Primeiramente, este princípio do prazer será utilizado tanto para os estímulos externos quanto para os internos, mas a insuficiência desse mecanismo de satisfação imediata permitirá à função secundária acumular alguma energia proveniente dos estímulos para utilizá-la numa ação motora que cesse a exigência pulsional (FREUD, 1911/2020) (FREUD, 1950[1895]/1996).

Diferentemente dos estímulos da percepção, as pulsões não podem ser apaziguadas por meio da fuga (FREUD, 1915a/2019). Não se pode fugir de si mesmo. A ação específica, por sua vez, não é instintiva, ou seja, não há uma resposta *a priori* que dê conta em absoluto do estímulo pulsional, que se manifesta então como uma insistente pressão por mais elaboração psíquica (FREUD, 1950[1895]/1996) (FREUD, 1915a/2019).

O objeto é o que há de mais variável para a pulsão (FREUD, 1915a/2019), mas igualmente verdadeira é a afirmação de que o encontro com o objeto é da ordem do reencontro (FREUD, 1905/2017). Não há *a priori* um objeto que satisfaça a pulsão, mas isso não quer dizer que qualquer objeto a satisfaça, ao menos não igualmente. A satisfação da pulsão, ainda que parcial, é determinada por toda a série de objetos anteriores que possibilitaram alguma satisfação (FREUD, 1905/2017). É bastante intuitivo que para resolver um problema qualquer se busque primeiro os meios pelos quais foi possível encontrar a solução das vezes anteriores. Mas a situação da neurose é a de uma fixação em determinada resposta que já não serve mais como solução para as exigências da civilização, e isso mesmo se torna um problema, além da falta de uma resposta para a questão original que implique a dimensão do eu que não é mais puro objeto das pulsões.

Essa intrincada relação entre a pulsão e o aparelho psíquico, bem como os processos que se dão entre ambos, é o que Freud busca esclarecer na formalização de sua primeira tópica do aparelho psíquico na *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019), e até mesmo

antes no *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/1996). Ele se fundamenta na distinção entre percepção e memória como duas funções mutuamente excludentes que designam instâncias distintas do funcionamento mental. O aparelho psíquico é comparado a uma superfície na qual incidem estímulos que, por um lado, são registrados como memória, mas, por outro, não podem esgotar a capacidade do aparelho de receber mais estímulos (FREUD, 1925/2019). Para que o aparelho seja ao mesmo tempo capaz de percepção ininterrupta sem limitar sua capacidade de memória, Freud o montou como duas superfícies sobrepostas, na qual a superfície receptora de estímulos não retém nenhum traço, e abaixo dela uma superfície em que são inscritos traços duradouros (FREUD, 1925/2019).

Desse modo, os estímulos que alcançam a satisfação se inscrevem na memória deixando marcas como sulcos, por onde a pulsão encontrará uma via de descarga facilitada (FREUD, 1925/2019) (FREUD, 1950[1895]/1996). Assim, Freud explica pela metapsicologia o determinismo psíquico. A pulsão visa sempre a descarga da forma mais fácil e automática, esta via é a da repetição das respostas passadas. Por isso, o traço mais fundamental da pulsão é a de ser uma força constante de caráter conservativo em relação às facilitações já existentes, de acordo com as marcas deixadas pela sexualidade infantil no psiquismo (FREUD, 1915a/2019). Posteriormente, Freud articula esse caráter conservador da pulsão de forma mais radical a inércia mórbida no sintoma que se manifesta de forma mais primitiva na compulsão à repetição (FREUD, 1920/2019).

Mas esse mecanismo é limitado e perigoso, pois toma como equivalente a percepção e a sensação à realidade. Não é capaz de distinguir os estímulos externos dos estímulos pulsionais, tratando-os igualmente através da fuga e da descarga imediata. Então, ao longo do desenvolvimento psíquico serão construídas barreiras que façam valer a diferença entre pulsão e percepção - entre dentro e fora (FREUD, 1915a/2019). Freud (1950[1895]/1996) denominou como defesa primária as duas proibições fundamentais para que o psiquismo não invista em representações que levam à liberação de desprazer. “Se, porém, respeita essas duas restrições e orienta sua atenção para as novas percepções, apresenta uma perspectiva de obter a satisfação que procura” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 435). Estabelece-se uma barreira entre a memória e a percepção, de tal maneira que a imagem do objeto de satisfação não seja investida com tanta intensidade a ponto de se confundir com uma percepção. Isso equivaleria, então, a barrar a alucinação do objeto por consideração à realidade (FREUD, 1950[1895]/1996). Por outro lado, também visando ao laço do indivíduo com o mundo externo, a segunda barreira é instalada entre a memória e o polo motor para que se evite uma descarga “enquanto não se cumprirem determinadas condições advindas da percepção”, isto é,

enquanto não houver uma indicação de que o objeto é real (FREUD, 1950[1895]/1996). Contudo, o respeito a essas duas restrições só se dá realmente com a passagem do processo primário ao processo secundário.

O processo primário visa a descarga da excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma *identidade de percepção* [com a vivência da satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar um *identidade de pensamento* [com aquela vivência]. Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras (FREUD, 1900/2019, p. 655-656).

Podemos nos colocar a questão de até que ponto essa defesa primária foi bem estabelecida nos neuróticos e psicóticos, ou até mesmo nos indivíduos considerados normais. Mais tarde, essa defesa primária será chamada de recalque primordial (FREUD, 1915b/2019), um mecanismo de defesa de extrema importância, que está na base de todos os demais processos psíquicos, como o desenvolvimento do Eu. A entrada no campo da linguagem tem sua correspondência nessa defesa primordial (COELHO DOS SANTOS, 2022a), pois ao impedir que a representação do desejo chegue à consciência introduz tanto a falta como estruturante, como a necessidade de se realizar rodeios que evitem a descarga que se pretende absoluta.

Freud, desde suas primeiras publicações, enfatiza o privilégio das funções da fala e da memória sobre as demais, ao conceber o aparelho psíquico como um sistema mnemônico cuja tarefa é elaborar por meio de um registro os estímulos que chegam (FREUD, 1950[1895]/1996) (FREUD, 1925/2019) (FREUD, 1915a/2019). É possível, então, aproximarmos a memória de Freud à linguagem de Lacan neste sentido (COELHO DOS SANTOS, 2022a) (LACAN, 1955-1956/2021), uma vez que o registro realizado não é passivo, mas conta tanto com a subjetividade, quanto com leis internas de associações.

A palavra recebe o estatuto de ferramenta principal da psicanálise (FREUD, 1890/2018), uma vez que possibilita uma descarga parcial vivificante (COELHO DOS SANTOS, 1999), ao decompor a imagem solidificada e compulsiva em fragmentos que podem ser rearranjados (COSTA, 2022). O tratamento com a associação livre permite seguir os trilhos dos modos de satisfação que se apresentam sintomaticamente fixados e, a partir da recordação em palavras, possibilita tanto buscar outros esquemas de respostas conhecidos e possíveis, bem como a invenção de novos caminhos (COSTA, 2022). O destaque do papel central da fala e da memória nos permite conceber que não se trata de inventar a roda, mas de se servir da alteridade para compor uma resposta singular.

Quando em tratamento o paciente se depara com uma resistência, isso indica a atuação de uma defesa secundária que tem por objetivo manter ideias desprazerosas afastadas da consciência. Ou seja, a interrupção da associação aponta para um dizer silenciado também determinado segundo o princípio do prazer. A tarefa que se impõe é então a de anular a amnésia por meio da fala (FREUD, 1917a/2019).

1.2.1 - Um exemplo clínico de um ato falho que vem em lugar de um dizer inconsciente

Em “O mecanismo psíquico do esquecimento”, Freud (1898/1990) demonstra com um exemplo próprio como um esquecimento não se restringe a uma falha da memória, mas é em si mesmo uma atitude psíquica. Os atos falhos consistem em não apenas esquecer, mas também em recordar erradamente através de substitutos, imediatamente percebidos como incorretos (FREUD, 1901/2021).

É como se o processo que conduz à reprodução do nome buscado tivesse se *deslocado*, levando a um substituto incorreto. Minha pressuposição é a de que esse deslocamento não é deixado ao arbítrio psíquico, mas segue trilhas regulares e previsíveis (FREUD, 1901/2021, p. 16).

Assim a proposta é de que não apenas o esquecimento é determinado, mas também que o substituto lembrado mantém com o nome buscado alguma relação. O exemplo que ilustra tal mecanismo é o que se segue.

Durante uma viagem de trem de Ragusa, na Dalmácia, até Herzegovina, Freud conversava com um desconhecido sobre a Itália, quando lhe perguntou se já conhecia Orvieto e os célebres afrescos de... aquele artista que havia pintado os afrescos do Juízo Final, na catedral de Orvieto. Freud esquecera do nome Signorelli, apesar de lembrar dos temas a ele relacionados. No lugar do nome buscado lhe vieram dois nomes de outros pintores - Botticelli e Boltraffio - que seu julgamento recusou de imediato como incorretos. Quando lhe informaram o nome correto pôde reconhecer prontamente (FREUD, 1901/2021).

A fuga deste nome se explica na “perturbação do novo assunto ocasionada pelo anterior” (FREUD, 1901/2021, p. 17). Logo antes dos companheiros de viagem falarem sobre a Itália conversavam a respeito dos costumes dos turcos que vivem na Bósnia e na Herzegovina. Um colega médico certa vez contou a Freud que eles exibem grande confiança nos médicos e grande resignação diante da morte. “Quando é preciso lhes informar que não há o que fazer por um doente, respondem: ‘Senhor [*Herr*], o que dizer? Sei que, se ele tivesse

salvação, o senhor o salvaria” (FREUD, 1901/2021, p. 17). Em seguida, uma nova lembrança chega a sua consciência, dando continuidade à série de pensamentos acerca dos costumes dos turcos, mas Freud lhe subtrai sua atenção antes que o pensamento se concluísse. A comunicação suprimida é a fala de um paciente de seu colega: “O *senhor* sabe, se não dá mais para *isso*, a vida não tem mais valor” (FREUD, 1901/2021, p. 18). O motivo imediato da supressão é a evitação do tema da sexualidade na conversa com um desconhecido, mas para além disso o que se deu foi o desvio de atenção dos pensamentos que poderiam se associar ao tema “morte e sexualidade” (FREUD, 1901/2021, p. 18).

No núcleo deste ato falho está a forte impressão exercida sobre Freud naquela época. Poucas semanas antes da viagem, recebera a triste notícia do suicídio de um paciente causado por um distúrbio sexual incurável. No momento da notícia, ele estava em *Trafoi* (FREUD, 1901/2021). Portanto, o esquecimento do nome Signorelli não é arbitrário, mas houve a influência de um motivo nesse processo.

Portanto, eu queria esquecer algo, eu havia *reprimido* [recalcado] algo. Mas queria esquecer outra coisa que não o nome do artista de Orvieto; mas essa outra coisa pôde estabelecer uma ligação associativa com o nome deste, de modo que meu ato de vontade falhou e eu esqueci *uma coisa contra a vontade*, enquanto queria esquecer *a outra intencionalmente*. A aversão a recordar se dirigiu a determinado conteúdo; a incapacidade de recordar se manifestou em outro (FREUD, 1901/2021, p. 18-19).

A fuga do nome buscado diz algo, é determinada. Resta-nos indagar de que maneira isso fala. É à maneira de um compromisso entre o conteúdo esquecido, o recalcado, e os substitutos do que se queria recordar. Uma combinatória se produziu a nível inconsciente, estabelecendo e rompendo nexos no campo da fala. O exercício da associação livre permite desfazer o novelo de fios entrelaçados para explicitar a lógica subjacente.

A comunicação realizada logo antes do esquecimento apresenta elementos determinantes para a escolha dos nomes substitutos e do nome esquecido, “as palavras *Bósnia, Herzegovina* e *Senhor*, que podem ser colocadas numa série associativa entre *Signorelli* e *Botticelli-Boltraffio*” (FREUD, 1901/2021, p.17). *Botticelli* e *Boltraffio* tomam de *Bósnia* o fonema “Bo”. A parte “traffio” de *Boltraffio* é uma reprodução distorcida do nome *Trafoi*, que se liga diretamente ao recalcado. Já a parte “elli” de *Botticelli* procede do nome esquecido *Signorelli*. Assim, fica evidente que os substitutos foram determinados por uma lógica que leva em consideração por um lado, o léxico - também são nomes de pintores -, mas mais fundamentalmente a escolha desses nomes é feita através de associações de fragmentos sonoros.

A escolha de *Signorelli* para o esquecimento também deriva desse processo de associação. O nome se decompõe em duas partes. A primeira parte, “Signor”, é em italiano a tradução de *Senhor (Herr)*, que estabelece uma série de vínculos associativos com *Herzegovina*, a frase comunicada “*Senhor (Herr)*, o que dizer etc”, e a suprimida que se relaciona ao tema recalcado. “Sua substituição ocorreu como se tivesse havido um deslocamento ao longo dos nomes combinados ‘Herzegovina e Bósnia’, sem levar em conta o sentido e a delimitação acústica das sílabas” (FREUD, 1901/2021, p. 20). A segunda parte, “elli”, retornou de forma inalterada num substituto. “Portanto, nisso os nomes foram tratados como os pictogramas de uma frase que deve ser transformada num rébus” (FREUD, 1901/2021, p. 20).

Os nomes escolhidos pelo recalque e o retorno do recalcado, *Signorelli* e *Botticelli-Boltraffio*, foram tratados como coisas, tomados essencialmente por sua materialidade, isto é, por sua imagem acústica. É demonstrado a afirmação de Freud de que “A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida” (FREUD, 1923b/2019, p. 25). As palavras foram decompostas em traços que foram rearranjados por condensação e deslocamento - os mecanismos do processo primário do inconsciente (FREUD, 1901/2021) -, com o intuito de escapar de um tema que provocaria intenso desprazer.

Este exemplo clássico de ato falho da literatura psicanalítica nos permite compreender a perspectiva topológica e dinâmica do aparelho psíquico através do mecanismo do recalque, e a determinação psíquica no campo da fala e da linguagem. A consciência não optou por esquecer *Signorelli*, como também não teve acesso ao processo que determinou a recordação dos nomes substitutos (FREUD, 1901/2021). Esse processo se passou entre o inconsciente recalcado e o pré-consciente. Os nomes dos pintores eram originalmente pré-conscientes, capazes de consciência, mas foram atraídos por uma ligação associativa ao tema “morte e sexualidade” no centro do recalcado, e assim adquiriram um valor simbólico para além do significado compartilhado.

A instância egoica escolheu conscientemente suprimir uma comunicação inadequada, que se associa ao recalcado que não foi lembrado em nenhum momento da viagem. Uma supressão desse tipo é condição para o esquecimento, contudo pode ocorrer uma supressão sem nenhum distúrbio posterior, isto é, sem sintomas (FREUD, 1901/2021). É digno de nota que a escolha por suprimir uma comunicação tenha sido seguida por um esquecimento contra a vontade consciente. A questão inconsciente que não foi devidamente elaborada, mas afastada da consciência, retornou através de uma apresentação da ausência - o esquecimento -, podendo em seguida serem encontrados substitutos. Tanto o esquecimento, quanto a formação

substitutiva dependem de uma predisposição ao uso desses mecanismos, bem como da capacidade de produzir “associações externas” (FREUD, 1901/2021), isto é, associações guiadas não pelo sentido, mas pela imagem acústica conforme o processo primário.

Dessa forma, o que está em jogo é um dizer que fala através de imagens que representam o conteúdo que se gostaria de evitar, e a capacidade do processo associativo de buscar novos trilhamentos para se alcançar o objeto desejado.

A essa altura talvez já não seja mais necessário reafirmar a importância da fala para a concepção psicanalítica do psiquismo, e para o tratamento que ela propõe. Mas é válido apontar que a elaboração através das palavras possibilita o restabelecimento dos nexos perdidos na linguagem através de pictogramas, e que os fenômenos que manifestam uma ausência da fala, como a resistência no tratamento ou esquecimentos, por exemplo, apresentam um dizer de outra ordem, um dizer que se faz presente através da ausência. Todo esse complexo processo só é possível dessa maneira, porque o aparelho psíquico é governado por leis que o determinam, fazendo valer, de uma forma ou de outra, as demandas do mundo externo e as exigências da vida.

1.3 - A ampliação do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses

A tarefa científica que a psicanálise se propõe é a de reinserir a consideração por aquilo que confronta o Eu, denotando que ele não é sequer o senhor de sua própria casa (FREUD, 1917a/2019). A consciência sofre influências do inconsciente, mas a princípio nada sabe dessa outra dimensão. Tal ferida narcísica faz da psicanálise alvo de fortes resistências desde seus primórdios (FREUD, 1917a/2019).

Além disso, é popularmente sabido que a psicanálise remete as causas do sofrimento à questões sexuais. Termos como “complexo de Édipo” circulam livremente, sem necessariamente acompanhar a compreensão do que isso significa. Assim, o conceito de sexualidade na psicanálise freudiana gera uma profusão de mal entendidos.

Freud chega à etiologia sexual das neuroses a partir das associações livres de seus pacientes que regrediam em suas lembranças até o período da mais tenra infância, buscando recordar as cenas traumáticas que se ligavam à formação dos sintomas (FREUD, 1917b/2019). As resistências com que se deparava não só diante do divã, mas também diante de toda a comunidade científica da época, foram interpretadas como sendo a continuidade de

uma amnésia mais primordial que recobria os primeiros anos de vida (FREUD, 1917b/2019). O motivo do esquecimento, já depreendemos, é um intenso desprazer provocado por uma incompatibilidade do ocorrido com o caráter do Eu.

Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/2017), a investigação científica freudiana questiona as fronteiras entre o normal e o patológico. As “aberrações sexuais”, como foram compreendidas as práticas sexuais desviantes da suposta norma biológica ao longo dos anos, demonstraram para Freud como a sexualidade humana é plástica, não podendo ter seu objeto determinado de antemão (FREUD, 1905/2017).

Chama a nossa atenção o fato de havermos concebido a ligação entre o instinto [pulsão] sexual e o objeto sexual como mais estreita do que é na realidade. O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos diz que neles há apenas, entre instinto [pulsão] sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que o instinto [pulsão] parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre instinto [pulsão] e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que o instinto [pulsão] sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste (FREUD, 1905/2017, p. 38).

O esforço é por conceber uma teoria que possa abranger também os “perversos”, aqueles que aboliram a diferença entre os sexos e buscam satisfação na realidade através de objetos e metas desviantes da dita normalidade (FREUD, 1917b/2019).

Os desvios de objeto dizem respeito à renúncia da união dos genitais e à fixação em quaisquer outras extensões anatômicas não pertencentes ao sistema reprodutor humano, bem como ao uso de demais objetos para alcançar a satisfação plena, como cadáveres ou animais (FREUD, 1917b/2019). Já os desvios da meta se constituem como permanência em ações introdutórias e preparatórias ao ato sexual, ou como utilização do objeto de outra maneira, como no sadismo ou masoquismo. Poder-se-ia perguntar o que permite incluir objetos e metas tão discrepantes sob um mesmo conjunto constituído pelo que é o “sexual”.

A descarga pulsional é o parâmetro que permite colocar tais manifestações lado a lado (FREUD, 1917b/2019). Mesmo os episódios da infância vivenciados sem o conhecimento do que caracteriza a sexualidade, são denominadas satisfações sexuais quando recordadas. O que ocorre com as satisfações sexuais infantis é similar às perversões, também se caracterizando por utilizarem objetos e metas não orientados por referências culturais (FREUD, 1905/2017).

Há, então, uma ampliação do conceito de sexualidade que confere à perversão um lugar no desenvolvimento regular do ser humano a partir da evidência clínica da existência da sexualidade infantil através da análise das psiconeuroses (FREUD, 1905/2017). Freud destaca a presença universal no ser humano de um fator constitucional da perversão.

A conclusão que agora se apresenta para nós é que, de fato, há algo congênito na base das perversões, mas algo que todos os seres humanos têm em comum, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida (FREUD, 1905/2017, p. 71).

Ao contrário do que pode parecer, a inclusão desse fator constitucional não nos permite afirmar que o aparelho psíquico corresponda a uma tábula rasa - em que qualquer e toda modalidade de satisfação é igualmente atraente -, pois contamos desde o nascimento com certas predisposições singulares que se somam às influências acidentais durante a vida que determinam os destinos possíveis para cada sujeito. A predisposição ao laço social se inclui entre aquelas que são comuns à maioria das pessoas. O bebê nasce totalmente desamparado, dependente dos cuidados parentais para sua sobrevivência (FREUD, 1905/2017). É na verdade o próprio desamparo fundamental que nos impulsiona ao laço com o outro. Freud aponta isso ao dizer que a pulsão sexual nasce apoiando-se na pulsão de autoconservação (FREUD, 1905/2017). É por apoio no despreparo biológico e psíquico, que leva à dependência para satisfação das necessidades vitais, que as relações afetivas com os pais são estruturadas. “o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 379).

A sexualidade não existe desde o começo, ela é despertada pela ação específica do outro cuidador que efetiva essa predisposição polimorfa e perversa erogenizando o corpo da criança, que se torna palco de múltiplas sensações e impulsos que serão elaboradas e organizadas num longo processo de civilização das pulsões (FREUD, 1905/2017).

O ponto de partida da vida psíquica é o autoerotismo, que caracteriza a sexualidade infantil bastante descompromissada de princípios compartilhados no mundo externo. Tal funcionamento é totalmente governado pelo princípio do prazer, tendo como único objetivo o prazer de órgão que se encerra em partes do corpo. Este ainda não constitui uma unidade, é fragmentado em zonas erógenas despertadas pelo cuidado materno que satisfaz as necessidades do bebê. A boca é despertada como primeira zona erógena na amamentação, constituindo assim, a primeira forma de laço com o outro, o laço oral em que se devora e se é devorado (FREUD, 1905/2017).

O primeiro objeto erótico da criança é o seio nutridor materno, o amor surge apoiando-se na necessidade de nutrição satisfeita. Sem dúvida, inicialmente a criança não distingue o seio do seu próprio corpo; quando ele tem de ser separado do corpo, levado para ‘fora’, pois frequentemente a criança nota sua ausência, ele leva consigo, como ‘objeto’, uma parte do investimento libidinal originalmente narcísico (FREUD 1940[1938]a/2020).

Assim, através do empenho com os cuidados da criança, a mãe desperta a sexualidade desta se tornando sua primeira sedutora (FREUD 1940[1938]a/2020). Ao passo que Freud

(1905/2017) descreve a importância desse investimento libidinal materno sobre a criança, ele também alerta para os perigos do excesso de carinho tornando a criança “(...) incapaz de, na vida futura, renunciar temporariamente ao amor ou satisfazer-se com uma medida menor dele” (FREUD, 1905/2017). Dessa forma, destaca-se o impacto da posição subjetiva da própria mãe, e sua função de ser a primeira a barrar os excessos pulsionais.

Se por um lado a mãe toma a criança como um substituto de um objeto sexual completo (FREUD, 1905/2017), por outro é seu dever transmitir-lhe a interdição do incesto. Desse modo podemos caracterizar a mãe como o “primeiro pai”. Ela é a primeira a apresentar ao filho a função paterna, que inscreve a impossibilidade da descarga absoluta da pulsão ao apontar os caminhos possíveis e preferíveis por serem condizentes com o laço social (OLIVEIRA, 2022).

O desmame se revela como um primeiro acontecimento de separação de corpos desde o nascimento, ele interrompe a fase oral que será seguida pela fase anal, constituindo ambas a fase pré-genital (FREUD, 1905/2017). Como último estágio antes do narcisismo, a fase sádico-anal introduz para a criança uma nova coordenada para se tornar um membro tolerável na sociedade, o controle dos esfíncteres. Não se pode fazer de tudo em qualquer lugar, é preciso prezar por uma imagem própria e ser capaz de dobrar-se à demanda do outro. O dilema que se coloca nesse tempo para o pequeno se expressa pela ambivalência de ser um teimoso desafiador, ou um benevolente que se submete.

A importância da investigação psicanalítica desse tempo pré-genital se esclarece não apenas pela possibilidade de compreendermos um pouco mais sobre a constituição do psiquismo através do laço libidinal com o Outro primordial – em termos lacanianos –, mas também por nos mostrar a natureza das fixações às quais os neuróticos regridem em seus sintomas. A dívida simbólica com as figuras parentais retornam sintomaticamente. Dora, como um exemplo de histeria, apresentava uma tosse nervosa que representava pela oralidade a ligação incestuosa com seu pai (FREUD, 1905[1901]). O homem dos ratos, um neurótico obsessivo, relatava como o seu impasse se expressava por uma dívida e uma dúvida a respeito de seguir ou não os passos do pai (FREUD, 1909/2020).

O estágio seguinte marcará o ganho de satisfação possível no ato de corresponder ao desejo do outro. A nova ação psíquica do narcisismo permite à criança se identificar com o Eu ideal de seus pais. “Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado” (FREUD, 1914c/2019, p. 36). O narcisismo é efeito de processos psíquicos complexos, depende de um cálculo do que o outro deseja e de fazer-se desse objeto que o

satisfaz. Estabelece-se uma equação simbólica na qual a criança torna-se equivalente do pênis que falta na mãe (FREUD 1940[1938]/2020a). Nesse momento o filho ainda é um prolongamento materno, com a distinção de que nessa fase se constitui o primeiro objeto, o Eu-de-prazer formado pela simbiose mãe-bebê, que se contrapõe à alteridade do mundo externo fonte de desprazer (FREUD 1915a/2019).

Nesse tempo, o corpo é elaborado como um objeto completo, representado pela imagem de si a partir do olhar do outro. As primeiras nomeações permitirão unificar as zonas erógenas sob a instância do Eu, que recebe uma porção de predicados que são tomados como demandas do que a criança deve satisfazer para ser amada como “sua majestade o bebê”. Em *Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914c/2019) é apontado como os psicóticos se fixaram nessa fase, e por isso apresentam patologias que envolvem o excesso de libido no Eu, na megalomania, e seu transbordamento no corpo, como na hipocondria.

Todo o desenvolvimento até esse ponto se deu através da sedução materna sobre a criança, o que foi possibilitado pelo estado de desamparo total em que esta se encontrava, necessitando da ação específica do outro do qual teme perder o amor (FREUD 1940[1938]a/2020). Por essa via, no narcisismo primário, a criança é introduzida na ordem simbólica da família como um sujeito em vias de advir, dando mais um passo no processo que implica se desidentificar da posição de objeto para ser capaz de investir em novos objetos da realidade (OLIVEIRA, 2022) (FREUD 1940[1938]a/2020) (FREUD 1915a/2019).

A partir daí, o menino, por exemplo, em algum momento passa a se interessar por uma parte específica de seu corpo, seu genital (FREUD, 1905/2017). Nessa fase se realiza a primeira escolha de objeto pela criança, a mãe no caso do menino, e o pai no caso da menina - quando olhamos para a escolha heterossexual. A entrada no complexo de Édipo é acompanhada pelo estabelecimento do enigma da sexualidade (FREUD, 1905/2017). Formulam-se teorias que tentam explicar a diferença dos corpos, bem como de onde vêm os bebês (FREUD, 1905/2017). E principalmente, instala-se para o menino a ameaça de castração como efeito da entrada do pai como um obstáculo à relação dual com a mãe (FREUD, 1905/2017) (OLIVEIRA, 2022).

O conflito edípico, que se expressa em desejos incestuosos dirigidos à mãe e desejos de aniquilação do pai, só poderá ser apaziguado se o pai odiado for temido e amado, uma vez que a rivalidade tem sua importância, mas está destinada ao fracasso (FREUD, 1924b/2019) (OLIVEIRA, 2022). É no intuito de preservar seu genital sob ameaça de castração que o menino renuncia a esse conflito, mas para isso é preciso que ele aprenda a se servir do pai que é também um agente de transmissão do desejo (FREUD, 1924b/2019) (OLIVEIRA, 2022).

O complexo de Édipo é, então, recalçado e se instaura o período de latência em que prevalece o desinteresse por assuntos relacionados à sexualidade (FREUD, 1924b/2019) (FREUD, 1905/2017). A dissolução do conflito é fundamental para o desenvolvimento de uma nova instância, o Super-eu, que representa a internalização da autoridade parental, possibilitada pela identificação da criança aos pais (FREUD, 1924b/2019).

O que começa a se esboçar é uma posição diferenciada dos pais, de maior autonomia, em que se deixa de ser objeto falado pelo outro, e se inicia o processo de constituição de um ser mais independente e capaz de responder por sua singularidade (OLIVEIRA, 2022). O retorno do recalçado na puberdade colocará o jovem diante da necessidade de responder pelas mudanças que ocorrem em seu corpo e na posição que ocupa tanto na família como na sociedade (OLIVEIRA, 2022) (FREUD, 1905/2017).

Mas essa nova posição, orientada pela função paterna que transmite o ideal do Eu, pode claudicar (OLIVEIRA, 2022). É quando, possivelmente, se revela o adoecimento neurótico. Pode ser que essas complicadas operações não sejam bem elaboradas, e em todos permanecem restos, fixações de tempos anteriores, que não foram totalmente superados (FREUD, 1905/2017).

Ao contrário da psicose que é marcada por uma recusa da função paterna num tempo muito primordial, a neurose se caracteriza por uma aceitação no primeiro tempo, e uma negação no segundo, o que é feito pela dificuldade de se abrir mão de certas satisfações infantis e de se inserir no laço da cultura (OLIVEIRA, 2022) (LACAN, 1955-1956/2021). Essas psicopatologias demonstram os efeitos da não operação da função paterna na separação do sujeito do objeto incestuoso através da castração (FREUD, 1905/2017) (OLIVEIRA, 2022).

Nos sintomas neuróticos, Freud vai observar uma inibição nesse desenvolvimento que confere novos destinos à pulsão (FREUD, 1917a/2019). Um processo que deveria ter sido elaborado, não o foi, e assim permaneceu como uma fixação em certo modo de satisfação (FREUD, 1917d/2019). Tais sintomas psíquicos

(...) são atos prejudiciais à vida como um todo, ou pelo menos inúteis, dos quais frequentemente a pessoa se queixa como algo indesejado e que traz sofrimento ou desprazer. O principal dano que causam é o custo psíquico que envolvem, além daquele necessário para combatê-lo (FREUD, 1917d/2019, p. 475-476).

Na neurose, a libido frustrada pelo mundo externo retorna ao Eu e é introjetada para a fantasia (FREUD, 1914c/2019). Lá, a libido regride a pontos de fixação da sexualidade infantil que já haviam sido recalçadas pelo Eu (FREUD, 1917c/2019). O sintoma se forma

como uma compensação à frustração mediante uma formação de compromisso entre os impulsos inconscientes insatisfeitos, e a censura pré-consciente aliada do mundo externo sob influência da função paterna exercida pelo Super-eu (FREUD, 1917d/2019) (OLIVEIRA, 2022). Ou seja, a neurose pressupõe o fracasso parcial da sexualidade infantil, que continua a exercer atração por meio do inconsciente recalado (FREUD, 1905/2017).

(...) os sintomas não nascem apenas à custa do assim chamado instinto [pulsão] sexual normal (ao menos não exclusivamente ou predominantemente), que representam, isto sim, a expressão convertida de instintos [pulsões] que poderíamos denominar perversos (no sentido mais amplo), se pudessem manifestar-se diretamente em fantasias e atos, sem serem desviados da consciência. Assim, os sintomas se formam, em parte, à custa da sexualidade anormal; a neurose é, digamos, o negativo da perversão (FREUD, 1905/2017, p. 63).

Enquanto as perversões positivas – enquanto efeitos de uma estrutura perversa propriamente dita – realizam os impulsos diretamente na realidade, as perversões negativas – recalçadas –, nas neuroses, satisfazem a pulsão sexual na fantasia, o que aponta para a prevalência do laço com o outro em sua dupla face de perda parcial da realidade e manutenção do vínculo com a cultura (FREUD, 1905/2017) (FREUD 1940[1938]a/2020). Assim, a neurose é o negativo da perversão, pois a sexualidade infantil polimorficamente perversa é – constituinte do ser humano, na condição de desamparo – negativizada pelo recalque e sobrevive na fantasia como compensação à necessária renúncia de prazer (FREUD, 1905/2017) (FREUD, 1917d/2019).

A neurose é, portanto, efeito da falha do recalque da sexualidade infantil que, por não ter sido devidamente elaborada pelo processo secundário, retorna no sintoma de forma deformada, através de uma “expressão convertida” (FREUD, 1905/2017). O que foi negado na consciência permanece ativo no inconsciente, e assim o autoerotismo sobrevive como um vestígio da posição infantil, como um resto ineliminável que retorna.

CAPÍTULO 2

O inconsciente estruturado como uma linguagem

2.1 - O aparelho psíquico é estruturado como memória

Freud, em diversas partes de sua obra, enuncia formulações que sugerem uma concepção do psiquismo como uma estrutura. Tal concepção está presente ao longo de toda a obra, e de forma indireta até mesmo em suas publicações pré-psicanalíticas, como na *Carta 52* (FREUD, 1950[1896]/1996) em que o autor comenta:

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um *processo de estratificação*: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição (FREUD, 1950[1896]/1996, p. 287, grifo nosso).

O processo de estratificação a que essa passagem se refere é a organização da pulsão, que se dá em diferentes tempos e organizações, que seguem certa sequência lógica, mas não são totalmente superadas, necessitando de novas elaborações ao longo da vida. As fases pré-genitais, por exemplo, foram superadas logicamente por um adulto, mas ainda assim podem se manifestar através dos sintomas neuróticos. Essa noção é retomada em *Os Instintos e seus Destinos* (FREUD, 1915a/2019), quando é apresentada as modulações às quais a pulsão é submetida ao longo do desenvolvimento humano, sem que se exclua o que veio antes.

Pode-se decompor a vida de cada instinto [pulsão] em uma série de ondas, cronologicamente separadas, homogêneas no interior de uma unidade de tempo qualquer, que se comportam entre si como erupções sucessivas de lava. Pode-se então imaginar que a primeira e mais primordial erupção do instinto [pulsão] prossiga inalterada e não sofra nenhuma evolução (FREUD, 1915a/2019, p. 69).

Se acrescentarmos esses novos dados à concepção, já mencionada, do psiquismo como duas superfícies em que percepção e memória se excluem mutuamente (FREUD, 1925/2019), formaremos a ideia de que não há apenas um registro, Freud aponta que há ao menos três (FREUD, 1950[1896]/1996). O primeiro registro é o das indicações de percepção, que organizam os traços de percepção conforme as associações por simultaneidade. Assim, um conjunto de estímulos apresentados dentro de certo período são representados como um único objeto, sem diferenciação (FREUD, 1950[1896]/1996). O inconsciente seria o segundo registro, que se organiza por relações causais, e dispõe de lembranças conceituais, isto é, de

representações-objeto, que já pressupõe alguma amarração dos traços (FREUD, 1950[1896]/1996). A terceira forma de registro é o pré-consciente, que se liga às representações-palavra que correspondem à instância do Eu (FREUD, 1950[1896]/1996). Nesse registro, em articulação com a consciência, atuam os processos secundários de pensamento.

O ponto clínico a ser destacado é que, ao nível dos registros, o recalque é tido como uma falha na tradução para o registro seguinte que deveria ser realizada no suceder das épocas da vida (FREUD, 1950[1896]/1996).

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os ‘*fueros*’, estamos em presença de ‘sobrevivências’ (FREUD, 1950[1886]/1996, p. 289).

Dessa forma, os sintomas são respostas regredidas que apresentam o caráter atemporal do inconsciente diante de exigências da vida, na medida em que – na língua do Projeto – seguem as facilitações dos neurônios (*bahnung*) que caracterizam os circuitos pulsionais, nos moldes de uma escrita (FREUD, 1915c/2019) (FREUD, 1950[1895]/1996). A tradução do processo primário para o processo secundário não foi possível pois resultaria numa perda de satisfação que o neurótico não aceitou renunciar.

Conforme a teoria freudiana avança, a sua concepção estrutural se consolida.

As consequências para a nossa concepção do inconsciente são ainda mais significativas. A consideração dinâmica havia nos levado à primeira correção, a compreensão *estrutural* nos leva à segunda. Reconhecemos que o Ics não coincide com o reprimido [recalcado]; continua certo que todo reprimido [recalcado] é ics, mas nem todo Ics é também reprimido [recalcado] (FREUD, 1923b/2019, p. 21-22, grifo nosso).

Na segunda tópica do aparelho psíquico apresentada em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923b/2019), as instâncias Id, Eu e Super-eu proporcionam maior precisão para a escuta clínica, na medida em que permitem distinguir as diferentes vozes presentes durante o tratamento (SBANO, 2018). É possível escutar do Id inconsciente a dimensão transgeracional, filogenética, e as predisposições singulares de cada um (FREUD 1940[1938]a/2020), bem como seus impulsos e a posição de objeto do desejo do Outro primordial (OLIVEIRA, 2022b). O Super-eu, que se enraíza no Id e se diferencia do Eu, apresenta o discurso da autoridade parental internalizada, e o daqueles que os substituem (FREUD 1940[1938]a/2020). Do Eu, como diferenciação do Id onde se enraíza, podemos escutar as vivências acidentais recordadas, e suas resistências (FREUD 1940[1938]a/2020). Essa

instância já não coincide com a consciência, o que se verifica pela resistência que parte da porção inconsciente do Eu (FREUD, 1923b/2019).

Mais tarde, em *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (FREUD, 1933b/2020), a noção de clivagem acrescenta uma complexificação da noção de Eu apresentada em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923b/2019). “O Eu pode tomar a si mesmo por objeto, tratar a si mesmo como a outros objetos, observar-se, criticar-se (...). Nisso, uma parte do Eu contrapõe-se ao resto” (FREUD, 1933b/2020, p. 194), de modo que o Eu não constitui uma unidade, mas ele é divisível.

Ali onde ela nos mostra uma ruptura ou uma fenda pode haver normalmente uma articulação. Se lançamos um cristal ao chão, ele se quebra, mas não arbitrariamente; ele se parte conforme suas linhas de separação, em fragmentos cuja delimitação, embora invisível, é predeterminada pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são *estruturas* assim, fendidas e despedaçadas (FREUD, 1933b/2020, p. 194-195, grifo nosso).

Essas linhas de clivagem demonstram como o Eu, ainda que tenha alcançado o narcisismo secundário e se diferenciado com a dissolução do complexo de Édipo de um Id que seria regido pelos processos primários de pensamento, “se divide durante várias de suas funções, ao menos provisoriamente. Suas partes podem unir-se novamente depois” (FREUD, 1933b/2020, p. 194).

Freud explica como no processo de defesa ocorre uma cisão do Eu, em que uma parte permanece aliada da realidade, e a outra atende às exigências pulsionais do Id (FREUD, 1940[1938]b/2020). Assim, o Eu desenvolve duas posturas frente à castração, por exemplo na neurose, em que por consequência do recalque o sujeito não sabe que sabe (FREUD, 1940[1938]a/2020). De modo que uma análise como processo de dissecção da estrutura psíquica visa decompor o texto que o paciente apresenta, para possibilitar que uma tradução do conteúdo latente ocorra, isto é, uma nova síntese que leve em consideração as demandas das diferentes instâncias e do mundo externo (FREUD, 1919/2019).

2.2 - A linguagem de Freud a Lacan

É pelo tratamento se dar através da fala que a linguagem se torna relevante? Parece forçado, à primeira vista, dar esse destaque à linguagem no psiquismo humano, de modo a ser mais comumente entendida como mais uma dentre outras funções do intelecto. Mas o que a clínica demonstrou é o contrário. A fala pode ser o meio de tratamento privilegiado, porque a linguagem é o que distingue os humanos dos demais animais.

No tempo propedêutico, podemos ilustrar o efeito de enunciação perguntando ao aluno se ele imagina o inconsciente no animal, a não ser por algum efeito de linguagem, e da linguagem humana. Se ele admitir, com efeito, que essa é realmente a condição para que sequer possa pensar no assunto, vocês terão confirmado nele a clivagem das ideias de inconsciente e instinto (LACAN, 1964/2021).

Talvez pela graça do acaso, ou por determinações do destino, antes de Freud fundar a psicanálise, ele estudou o sexo das enguias e as afasias da linguagem, abordando os dois pontos nodais, aqui destacados, de sua teoria e clínica. Em *Sobre a concepção das afasias* (FREUD, 1891/2014), ele critica as hipóteses localizacionistas predominantes na época. Essas hipóteses limitavam as funções do sistema nervoso a regiões específicas do mesmo, localizando em pontos distintos a função da percepção e a função motora da linguagem. Os centros motores e sensoriais estariam ligados por uma via de associação, mas a importância maior recaía sobre os centros entendidos como um amontoamento de células que armazenam imagens mnêmicas acústicas ou motoras. A crítica freudiana, que teria ressonâncias para a psicanálise, foi sobre o caráter infundado da teoria localizacionista, o que ele pôde demonstrar recorrendo às evidências clínicas e anatômicas (FREUD, 1891/2014).

É importante destacar que a monografia sobre as afasias de Freud é um texto de neurologia, a concepção de linguagem se refere simplesmente à função do sistema nervoso, mas ainda assim as ideias ali apresentadas fazem-se relevantes para as posteriores formalizações teóricas. O modelo freudiano proposto supera a teoria localizacionista ao privilegiar a fisiologia e não a anatomia do aparelho de linguagem. Assim, a teoria dos centros é substituída pela prevalência das associações e vias de transferência entre os neurônios, de tal modo a afirmar um funcionamento integrado do sistema nervoso. Esse avanço é capaz de dar lugar aos distúrbios de linguagem, como parafasias, de pessoas que não sofreram lesão cerebral, como uma falha no funcionamento do sistema, sem precisar supor algum tipo de degeneração nervosa. Além disso, o psíquico ganha outro lugar, deixa de se supor uma relação de causalidade entre os processos fisiológicos e os psíquicos, para se estabelecer uma relação de dependência concomitante (FREUD, 1891/2014).

Nesse tempo Freud já falava em uma “(...) estrutura do aparelho central de linguagem (...)” (FREUD, 1891/2014, p. 84), e afirmava que “(...) todas as afasias têm como base a interrupção da associação (...)” (FREUD, 1891/2014, p. 85). Além de revisar o lado anatômico de seu objeto de investigação, propõe um modelo psicológico que opera em paralelo a este. Em sua apresentação do funcionamento psicológico do aparelho de linguagem, ele demonstra o papel central dos processos de associação pela descrição das operações da linguagem e de como essas se desenvolvem.

É de se supor que mais tarde nós também exercemos cada uma das funções da linguagem pelos mesmos caminhos associativos nos quais a aprendemos. Pode haver atalhos e substituições, mas nem sempre é fácil dizer de que natureza. A sua importância é ainda diminuída pela observação de que, em caso de lesão orgânica, o aparelho de linguagem provavelmente é prejudicado em certa medida como um todo e que se verá forçado a regredir às formas de associação primárias, consolidadas e mais complicadas (FREUD, 1891/2014, p. 94).

Assim, aprendemos a falar repetindo o que ouvimos, tentando reproduzir através do polo motor a imagem acústica lembrada (FREUD, 1891/2014). O que haveria de início não passa de traços dispersos, de imagens mnêmicas desarticuladas, conforme o registro dos traços de percepção (FREUD, 1891/2014) (FREUD, 1950[1896]/1996).

Para a psicologia, a unidade da função de linguagem é a ‘palavra’, uma representação complexa que se mostra composta por elementos acústicos, visuais e cinestésicos. (...) Normalmente são citados quatro componentes da representação-palavra: a ‘imagem acústica’, a ‘imagem visual da letra’, a ‘imagem do movimento da fala’ e a ‘imagem do movimento da escrita’ (FREUD, 1891/2014, p. 90).

É em *Sobre a concepção das afasias* (FREUD, 1891/2014), que Freud fala pela primeira vez em “representação-palavra” e “representação-objeto”, conceitos retomados para a psicanálise. Ao afirmar que a palavra é uma representação complexa, aponta-se para o fato de que não nascemos dotados da fala, mas essa função precisa se desenvolver, o que se dá através de diversas experiências entre mãe e bebê.

A linguagem é algo que se adquire, assim como o aparelho de linguagem é algo que se constrói: estas são as teses presentes no texto de Freud. E ambos, o aparelho de linguagem e a própria linguagem, não tem por objetivo um saber sobre o mundo, mas o tornar possível articular com um outro, saberes que se constituem na e pela linguagem. A aquisição da linguagem e, portanto, a construção do aparelho de linguagem se fazem por uma aprendizagem que integra o motor e o sensorial numa unidade indivisível. Essa aprendizagem Freud nos descreve em termos de etapas neurológicas de formação do aparelho de linguagem, e o ponto de partida da sua análise é a representação-palavra (GARCIA-ROZA 1991/2014, p. 146).

A palavra, enquanto representação consciente, abrange a representação-objeto mais a representação-palavra, enquanto a representação inconsciente é apenas a representação-objeto (FREUD, 1915c/2019). Freud utiliza ao longo da obra diferentes termos que parecem se

referir a mais ou menos a mesma coisa: objeto, representação-objeto, e representante da representação. Para tratar dessa distinção escapando do empuxo a uma elaboração que mais teria o caráter de abstração, evoco o fundamento clínico.

Na neurose, o sujeito recalcou os objetos primordiais da infância, mas continua reencontrando-os através da fantasia (FREUD, 1905/2019).

Podemos então dizer precisamente o que a repressão [recalque], nas neuroses de transferência, recusa à representação rejeitada: a tradução em palavras que devem permanecer ligadas ao objeto. A representação não colocada em palavras ou o ato psíquico não sobreinvestido permanece então no inconsciente, como algo reprimido [recalcado] (FREUD, 1915c/2019).

Ou seja, não houve uma elaboração psíquica capaz de nomear a diferença entre o antigo objeto infantil, perdido, e o novo objeto, de modo que trata-se de um reencontro. Além disso, o fenômeno da conversão histérica demonstra bem como o que está em jogo numa paralisação na perna, como no caso da Elizabeth Von R. (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017), por exemplo, é uma fala através do corpo, de modo que “(...) as pernas dolorosas passaram a participar da conversa (...)” (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 213). A perna paralisada é a representação-objeto, mas precisamente, do objeto incestuoso (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017) (FREUD, 1915c/2019). Mas revela também a defesa contra o impulso a essa relação, de modo que a representação-objeto da perna paralisada representa duas tendências contrárias, um duplo sentido que não pôde ser posto em palavras, mas foi atuado (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017) (FREUD, 1914a/2020). O conflito era entre dois objetos contrastantes, o cunhado a quem a moça desejava, e a querida irmã que acabara de falecer (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017). Diante do impasse de atender dois impulsos contrários – o conflito entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação –, a solução foi encontrar um traço comum que se presentificou no corpo. A perna tornou-se símbolo do desejo pelo cunhado, e ao mesmo tempo, a interdição do desejo pela morte da irmã. Observa-se que há um ponto de encontro entre a perna, a paralisia, o cunhado e a irmã, há uma equivalência quanto à satisfação pulsional. Esse ponto nodal é o representante da representação.

Um instinto [pulsão] não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia. Se o instinto [pulsão] não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ele. Mas se, no entanto, falamos de um impulso inconsciente ou um impulso reprimido [recalcado], trata-se de uma inócua negligência de expressão. Só podemos estar nos referindo a um impulso cujo representante ideativo [representante da representação] é inconsciente, pois outra coisa não poderia entrar em consideração (FREUD, 1915c/2019, p. 115).

O representante da representação é um registro inconsciente, que deixa de fora o fator quantitativo, que não pode ser recalçado e por isso retorna (OLIVEIRA, 2012) (FREUD, 1915b/2019) (FREUD, 1915c/2019). Essa marca, indestrutível e fixada, torna-se parte de um complexo circuito pulsional, que tem por finalidade alcançar a satisfação, isto é, a cessação do estímulo pulsional através da elaboração psíquica (FREUD, 1915a/2019) (FREUD, 1915b/2019) (FREUD, 1915c/2019).

(...) não se cansando de repetir que o doloroso nisso era o sentimento do seu desamparo, a sensação de que ‘não saia do lugar’, tive de conceber também às suas reflexões uma influência sobre a formação da abasia, tive de supor que ela procurou diretamente uma expressão simbólica para seus pensamentos dolorosos e a encontrara na intensificação de seu padecimento (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 219).

O sintoma de Elizabeth Von R. é resultado de uma elaboração ao nível do processo primário, que falhou parcialmente em interditar o impulso incestuoso, gerando duas posturas do Eu diante da questão do desejo. Essa passagem torna ainda mais nítida a literalidade em questão na neurose, de modo que “não saia do lugar” ganhou um significado próprio nesse caso (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017).

É muito provável, no entanto, que tudo isso tenha tido um dia significado literal, e a histeria age acertadamente quando restabelece para suas inervações mais intensas o sentido original da palavra. Sim, talvez seja incorreto dizer que ela cria tais sensações por simbolização; ela talvez não tenha tomado como modelo a linguagem corrente, mas se nutre com ela de uma fonte comum (BREUER; FREUD, 1893-1895/2017, p. 260).

Numa leitura apressada, poderíamos ficar tentados a uma aproximação direta entre Freud e Saussure (1916/2012), mas a clínica e Lacan nos salvam dessa emboscada ao introduzir uma ruptura em relação ao conceito de significante na linguística estrutural (ANTUNES, 2002).

Saussure (1916/2012) tomava a imagem acústica da palavra - o significante - numa relação necessária e indissociável ao significado compartilhado, o que a demonstração do da Elizabeth Von R., refuta na medida em que a palavra que não foi dita foi substituída por um sintoma.

Assim, Saussure (1916/2012) é relevante para a psicanálise pela subversão que Lacan faz de sua linguística estrutural, reformulando a relação do significado e do significante (ANTUNES, 2002). Essa relação passa a ser tida como dissolúvel, e desnecessária, ou seja, não há uma relação biunívoca entre significante e significado, mas sim uma primazia do significante em relação ao significado (ANTUNES, 2002). As fórmulas para definir o significante “o significante não significa nada” (LACAN, 1955-1956/202) e “o significante é

o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1953/2021) são os dois axiomas dos quais partem a sua lógica (ANTUNES, 2002).

O significante é a unidade estrutural da linguagem (OLIVEIRA, 2022). Afirmar sua primazia corresponde a conferir peso ao materialismo da linguagem, à maneira humana de estar no mundo tentando dar conta de seu desamparo. Freud aponta que a princípio a fala é uma via de descarga, como uma válvula de escape do excesso pulsional, e a função da comunicação é secundária, pois só é estabelecida ao atrair a ação específica do outro cuidador (FREUD, 1950[1895]/1996). Dessa forma, o que está em jogo é o representante da representação, o equivalente freudiano ao significante lacaniano (OLIVEIRA, 2012).

Podemos indagar se dizer que “o significante não significa nada” (LACAN, 1955-1956/202) é estabelecer o papel central das associações, tal como Freud o fez no texto das afasias. Isso porque o significado só se estabelece como efeito de uma associação da representação-palavra e da representação-coisa, mas ainda assim deixa margem para o mal-entendido. Que uma palavra não tem significado em si mesmo e depende do contexto, percebemos nos homófonos como “manga” – fruta ou parte da camisa. São imagens acústicas com mais de um significado, mas também encontramos significados com mais de uma imagem acústica, é o caso dos sinônimos como “começar” e “iniciar”. Outro exemplo, servindo-me da matemática, pode ser: “10” representa a quantidade dez, no sistema decimal, ou dois no código binário. Esse exemplo serve ainda de analogia ao fato de um mesmo significante ser elaborado de formas distintas em diferentes registros. “Uma ideia, contemplada isoladamente, pode ser muito insignificante e muito aventureira, mas talvez se torne importante pela ideia que lhe segue” (FREUD, 1900/2019, p. 134).

Podemos explorar também se a afirmação lacaniana de que “o significante é o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1953/2021) resgata a lógica que Freud defende em sua *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019). Neste texto, Freud transmite seu método de analisar isoladamente os elementos do sonho, o que é feito seguindo as associações do próprio sonhador. “Tenho de lhe apresentar o sonho de forma retalhada, então ele me fornece para cada parte uma série de associações, que poderíamos chamar de ‘pensamentos de fundo’ dessa parte do sonho” (FREUD, 1900/2019, p. 135). Desse modo, reflito sobre a noção de sujeito que é lacaniana, se podendo entendê-la como aquele que fala para além do Eu (LACAN, 1953/2021), se seria possível aproximar a noção de “representar o sujeito” ao esforço psíquico de representar o desejo inconsciente.

Ao longo desse percurso argumentativo busquei conduzir o leitor aos fundamentos teóricos freudianos capazes de sustentar a enunciação realizada por Lacan em seu primeiro

ensino, a saber, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Trata-se dos primeiros passos na introdução ao estudo da teoria lacaniana, ainda muito incipiente. Mas a investigação prossegue, e para isso contamos com as vias privilegiadas por Freud para o acesso ao inconsciente.

2.3 - Linguagem e sexualidade. O sonho “Injeção de Irma”.

Não se pode alcançar aquilo que causa e impulsiona o psiquismo por uma investigação que se encerra nos fenômenos da consciência, por isso a psicanálise se dirige aos fenômenos lacunares. As raspas e restos nos interessam na clínica, pois são os elementos aparentemente irrelevantes, distorcidos e fora de lugar que nos apresentam, em linhas de clivagem, a abertura para o inconsciente. O sonho é a formação psíquica privilegiada por Freud. É um fenômeno da vida cotidiana que não se manifesta apenas em neuróticos. Sua importância consiste no fato de que o discurso onírico expressa com nitidez a linguagem do inconsciente, de tal forma que Freud indica que a interpretação dos próprios sonhos é o caminho para quem deseja se tornar um psicanalista, ou comprovar suas teorias (FREUD, 1900/2019). Por essa razão, a epígrafe da obra fundadora da psicanálise, a *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019), nos encaminha à via régia para o inconsciente - uma viagem com Caronte pelo rio dos sonhos não realizados. Acheronta movebo!

O embarque no tema dos sonhos foi o destino encontrado nas associações dos pacientes em análise, ao que Freud tratou de maneira distinta do que era feito até então. Ao tomar o sonho como objeto científico com estatuto de ato psíquico de pleno valor, o primeiro analista superou as explicações místicas e proféticas dos sonhos, mas reinseriu a consideração pelo sentido nessas manifestações que a ciência via como meros espasmos do sistema nervoso (FREUD, 1900/2019).

Os pacientes, que eu havia obrigado a me comunicar todos os pensamentos e associações que lhe ocorressem sobre determinado tema, contaram-me seus sonhos e assim me ensinaram que um sonho pode estar inserido na concatenação psíquica que podemos rastrear na memória a partir de uma ideia patológica. O passo seguinte foi tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar a ele o método de interpretação desenvolvido para os sintomas (FREUD, 1900/2019, p. 132).

A formação onírica revela ao leitor da *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019) diversas séries de pensamento que convergem em pontos nodais de intensa condensação, ou

divergem por deslocamentos aparentemente aleatórios, produzindo em seu relato um texto que não realiza o semblante científico, mas antes literário ou mesmo popular. Tais séries, servindo-se de restos diurnos, isto é, fragmentos da percepção do mundo externo, correspondem a concatenações de ideias que representam a realização de desejos inconscientes, manifestos no sonho de maneira distorcida. O caráter absurdo do conteúdo manifesto se deve ao fato de, por um lado, repousarem sobre o trabalho do sonho, uma elaboração onírica que segue os moldes do funcionamento do processo primário que tem como único objetivo a descarga pulsional prazerosa sem compromisso com a realidade, e, por outro lado, a atividade parcial da censura, que introduz lacunas e disfarces ao pensamento onírico latente. Tem-se como resultado um sonho, portanto, como expressão de um certo conjunto de pensamentos que visam circunscrever um campo de questões não elaboradas, mas investidas de intenso afeto - no caso do sonho “Injeção de Irma”, que abordaremos aqui, visa redimir o sujeito de sua culpa, tirando-lhe a responsabilidade como clínico (FREUD, 1900/2019).

Agora, passaremos ao exame do sonho do próprio Freud, com o qual se introduz o método psicanalítico de interpretação dos sonhos (FREUD, 1900/2019). Começaremos com um relato preliminar, depois o relato do sonho, e em seguida a análise do sonho.

Em Bellevue, no verão de 1895, Freud recebe a notícia de que Irma, amiga de sua família e sua paciente, não estava bem como se esperava após o tratamento. As palavras de Otto irritaram Freud, que na mesma noite redigiu o caso a fim de se justificar e entregá-lo ao doutor M. Naquela noite, ocorre o seguinte sonho, anotado logo ao acordar (FREUD, 1900/2019).

Sonho de 23/24 de julho de 1895

Um grande salão — muitos convidados que recebemos. — Entre eles Irma, que imediatamente chamo de lado, como que para responder à sua carta e para recriminá-la por ainda não aceitar a minha “solução”. Digo a ela: “Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua”. — Ela responde: “Se você soubesse quantas dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no ventre — elas me sufocam”. — Eu me assusto e olho para ela. Parece pálida e inchada; penso que talvez eu não esteja reconhecendo algo orgânico. Levo-a até a janela e examino sua garganta. Ela resiste um pouco, semelhante às mulheres que usam dentadura artificial. Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo. — Então ela abre a boca adequadamente, e à direita descubro uma grande mancha branca; em outro

lugar vejo, em estranhas formações crespas, que evidentemente tinham um modelo os ossos turbinados do nariz, extensas crostas cinzentas esbranquiçadas. — Chamo rapidamente o dr. M., que repete e confirma o exame... A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba... Agora, meu amigo Otto também está ao lado dela, e meu amigo Leopold a ausculta através do corpete e diz: “Ela tem uma área amortecida embaixo, à esquerda”; ele indica também que uma parte da pele no ombro esquerdo está infiltrada (algo que, como ele, também consigo sentir, apesar do vestido)... M. diz: “Não há dúvida, é uma infecção, mas não importa; virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado...”. De imediato, também sei qual a origem da infecção. Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno... ácido propiônico... TRIMETILAMINA (vejo essa fórmula em negrito diante dos meus olhos)... Esse tipo de injeção não se aplica levemente... Também é provável que a seringa não estivesse limpa (FREUD, 1900/2019, p. 139).

Este, é claro, não é o sonho “em si” que Freud teve naquela noite, este é o relato do sonho, apresentado sob a forma de um texto - a única forma pela qual podemos acessá-lo. Interessa-nos a elaboração que o sujeito é capaz de realizar, a maneira pela qual diz aquilo que lhe ocorre, e é sobre esse material - o discurso de um sujeito - que uma análise opera.

Sigamos a via trilhada pelo próprio sonhador para compreender o que essa formação do inconsciente diz:

O *grande salão* no qual se situa o sonho é na casa onde Freud estava na noite do sonho. Com esse fragmento, o sonho antecipa que no aniversário de *sua esposa* eles receberão convidados, inclusive *Irma*.

O conjunto temático da recriminação que Freud faz a *Irma*, e o susto ao pensar, no sonho, que teria ignorado uma afecção orgânica, representam o desejo formador do sonho, de Freud redimir-se de sua culpa pelas dores de *Irma*.

O exame realizado na garganta de *Irma* tem o sentido de um elogio a esta, pois refere-se a outra pessoa. Há no sonho uma substituição de *Irma* por sua amiga - que apresenta os sintomas que no sonho foram designados a *Irma*. O exame bucal o faz pensar em dentes estragados, que o remete à *sua esposa*. No sonho, Freud compara e condensa essas três mulheres que *se opõem* ao tratamento.

A *mancha branca* na garganta o lembra a difterite, a doença da amiga de *Irma*, e de *Mathilde*, filha de Freud. Esse elemento também se associa a problemas de saúde do sonhador, e constitui parte do tema “cuidado com a própria saúde e a saúde alheia” que se

confronta com o conjunto de ideias que representam o sentimento de culpa associado à preocupação com a responsabilidade médica.

Mathilde era também o nome de uma paciente que veio a falecer devido a uma intoxicação provocada por Freud. Ele recorreu *rapidamente* a um amigo mais velho em busca de ajuda. As associações o levam ao pensamento de necessidade de punição por falta de escrúpulo profissional. Outros casos de óbitos de pacientes do sonhador se associam ao elemento *injeção*, e erros médicos se ligam a *infecção*, *seringa suja* e *disenteria*.

Os fragmentos “*A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba*”, e “*meu amigo Otto também está ao lado dela, e meu amigo Leopold*” referem-se a desejos parricidas. A aparência do dr. M lembra a do irmão mais velho de Freud – podemos supor que este seja um substituto paterno. Ambos recusaram uma sugestão que lhes foi feita por Freud. A eliminação da diferença geracional, e a rivalidade foram também representadas pelo segundo fragmento destacado. Parece haver uma identificação entre Freud e *Leopold*, caracterizados como minuciosos no relato do sonho. *Otto*, parente de *Leopold* e também médico, é rebaixado por contrariar Freud. A rivalidade com *Otto* manifesta-se ainda no elemento *propil*, substituto de *amil*, que liga-se a uma aguardente dada de presente a Freud, que preferiu não dar aos empregados para não envenená-los. “*Esse tipo de injeção não se aplica levemente*” e “*É provável também que a seringa não estivesse limpa*” são fragmentos que possibilitam inferir uma identificação entre Freud e *Leopold*, ao passo que estabelece a rivalidade desses contra *Otto*. Este elemento, *seringa suja*, representa a falta de escrúpulos e se relaciona ao elemento central do sonho - a sexualidade.

“*Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno... ácido propiônico... TRIMETILAMINA*”, esta parece ser a parte mais condensada do sonho. *Otto* havia contado à Freud que, em uma breve estada na casa da família de Irma, foi chamado para aplicar uma injeção em alguém que repentinamente se sentiu mal. Quando no sonho, Freud o faz aplicar em Irma uma injeção de ácido propiônico, o acusa de um ato leviano e sem escrúpulo.

“TRIMETILAMINA” aparece escrita em sua fórmula química impressa em negrito. Essa substância é uma alusão à etiologia sexual das neuroses e à amizade com *Fliess*, por quem Freud gostaria de substituir *Otto* e o dr. *M.* *Fliess* era um profundo conhecedor das afecções no nariz, tematizadas no sonho, e revelava problemas de saúde, como o próprio Freud.

No sonho, Freud vinga-se de *Otto* e do *dr. M.*, que apresentaram opiniões contrárias, ao zombar deles, dizendo através do sonho que eles desconheciam a etiologia sexual das neuroses, assunto melhor conhecido por Fliess.

Vingo-me não só do apressado posicionamento de Otto contra mim, responsabilizando-o por um ato médico precipitado (a injeção); vingo-me também pelo licor de péssima qualidade, que cheira a aguardente ordinária, e encontro no sonho uma expressão que reúne as duas recriminações: a injeção com um preparado de propil. Ainda não estou satisfeito e prossigo minha vingança contrapondo-o ao seu rival, mais confiável. (...) Também não ignoro a objeção do dr. M.; antes expresse minha opinião sobre ele numa alusão explícita, segundo a qual ele é um ignorante no assunto ('Virá ainda uma disenteria' etc.). Sim, parece-me que estou me distanciando dele e apelando a outra pessoa com melhores conhecimentos (a meu amigo que me informara sobre a trimetilamina), assim como eu me voltara de Irma para sua amiga, de Otto para Leopold. Afastem de mim essas pessoas e as substituam por três outras de minha escolha, assim me livrarei das acusações que acredito não merecer! (FREUD, 1900/2019, p. 152).

Uma análise visa tornar o inconsciente consciente (FREUD, 1917a/2019), o que é feito ao passar dos processos primários - a linguagem pictográfica do sonho, por exemplo - aos processos secundários, isto é, pôr em palavras de modo a tornar a satisfação pulsional compartilhável (FREUD, 1911/2020). Em outras palavras, trata-se de um trabalho de interpretação, que visa desfazer o trabalho do sonho (FREUD, 1916/2019). “(...) ‘interpretar um sonho’ significa informar seu ‘sentido’, substituí-lo por algo que se insere como elo equivalente no encadeamento das nossas ações psíquicas” (FREUD 1900/2019, p. 127).

Podemos considerar que, em termos lacanianos, a interpretação dos sonhos visa investigar como um significante representa o sujeito para outro significante. Ou seja, o que o próprio sonhador é capaz de elaborar a partir do sonho tomado pela relação de seus elementos entre si e na vida do sonhador (FREUD 1900/2019). Além disso, ao apontar o fracasso e ineficácia da interpretação simbólica e do método criptográfico, que se servem de chaves de leitura fixas ou prescindem da participação do sonhador na interpretação, Freud esvazia os elementos do sonho de qualquer significado a priori, demonstrando que o significante não significa nada (FREUD 1900/2019).

Para ilustrar essas formulações, observemos como a representação-objeto “trimetilamina”, que aparece no sonho como uma imagem em bloco de sua fórmula química em negrito, é destituída, no trabalho de cifragem e decifragem do sonho, de seu sentido usual. Contudo, a análise permite recuperar as ligações que esse elemento estabelece no inconsciente, remetendo-o às cartas entre Freud e Fliess sobre os ciclos sexuais, representando o sujeito freudiano em sua relação com os impasses da etiologia sexual das neuroses no dado contexto em que fora sonhado.

O sonho é, portanto, a expressão de uma linguagem própria, cujos sentidos podem ser alcançados pelo próprio sonhador ao levar em conta sua história pessoal. “‘Sonho’ só se pode chamar o resultado do trabalho do sonho, ou seja, a forma que esse trabalho dá aos pensamentos latentes” (FREUD, 1916/2019). O trabalho do sonho consiste no processo que traduz um curso de pensamentos latentes, vertido em palavras, para imagens sensoriais (FREUD, 1916/2019) (FREUD 1940[1938]a/2020). Esse pensamento pré-consciente, representante de um desejo inconsciente, foi suprimido por ser julgado incompatível com a realização ou comunicação (FREUD 1940[1938]a/2020). O retorno dos impulsos conflituosos através do sonho pressupõe, portanto, a atividade da censura do Eu, triunfante durante a vigília, mas rebaixada durante o estado do sono (FREUD 1940[1938]a/2020). Assim, o sono é a pré-condição do sonho, e este é seu guardião (FREUD, 1900/2019).

O sonho é efeito de uma formação de compromisso entre o desejo recalçado do Id e a oposição do Eu aliado do mundo externo (FREUD 1940[1938]a/2020). “O que é uma satisfação para o Id inconsciente pode ser, justamente por isso, motivo de angústia para o Eu” (FREUD 1940[1938]a/2020, p. 223). O desejo inconsciente faz uma exigência de satisfação durante o sono, essa solicitação é sentida como um distúrbio que ameaça despertar o Eu, mas este deseja continuar dormindo, e para isso faz uma concessão – “uma inofensiva realização de desejo” (FREUD 1940[1938]a/2020, p. 222) (FREUD 1940[1938]a/2020).

O que acontece no sonho alucinatório não podemos descrever de outro modo senão dizendo que a excitação toma um caminho para trás. Em vez de se propagar rumo à extremidade motora do aparelho, ela avança rumo à extremidade sensorial e alcança, por fim, o sistema das percepções. Se chamarmos de progressiva a direção que o processo psíquico segue a partir do inconsciente na vigília, poderemos dizer que o sonho tem caráter ‘regressivo’ (FREUD, 1900/2019, p. 592-593).

O sonho é, dessa maneira, uma realização alucinatória de um desejo inconsciente (FREUD, 1900/2019). A excitação é despertada a partir dos traços mnêmicos não suficientemente elaborados – seja da sexualidade infantil recalçada, ou dos restos diurnos recentes –, que arrastam o pensamento a ela vinculado à regressão (FREUD, 1900/2019). Esta se apresenta em três aspectos: topológico, formal, e temporal (FREUD, 1900/2019).

Mas o que torna o sonho tão inestimável para o nosso conhecimento é o fato de o material inconsciente, ao penetrar no Eu, trazer consigo seus modos de trabalho. Isso quer dizer que os pensamentos pré-consciente, nos quais ele encontrou expressão, são tratados, no curso do trabalho do sonho, como se fossem partes inconscientes do Eu; e, na outra maneira de formação do sonho, os pensamentos pré-conscientes, tendo sido reforçados pelo impulso instintual [pulsional] inconsciente, são rebaixados ao estado inconsciente (FREUD 1940[1938]a/2020, p. 218-219).

Com a diminuição dos contrainvestimentos, o Id ganha certo grau de liberdade para se expressar servindo-se da maior amplitude da memória onírica, sem tantos constrangimentos como na vigília, mas ainda sob influência da censura que deforma sua expressão (FREUD 1940[1938]a/2020). A linguagem dos sonhos se caracteriza pela regressão formal, “quando modos primitivos de expressão e representação substituem os habituais” (FREUD, 1900/2019, p. 599). O sonho é capaz de reavivar lembranças infantis recalcadas e inacessíveis na vigília, “O sonho faz uso ilimitado de símbolos de linguagem cujo significado o sonhador geralmente não conhece” (FREUD 1940[1938]a/2020, p. 218). Mas o sonho não se limita aos aspectos da linguagem do inconsciente de um indivíduo, ele traz também marcas da herança filogenética, isto é, da estrutura de linguagem do inconsciente no seu sentido transgeracional (FREUD 1940[1938]a/2020) (OLIVEIRA, 2022b). É o que percebemos, por exemplo, quando depreendemos da análise do sonho “Injeção de Irma” os desejos parricidas provenientes do complexo de Édipo.

É surpreendente como no estado do sono há uma intensa atividade psíquica, que não reproduz meramente imagens armazenadas, mas elabora através do trabalho do sonho um objeto próprio para satisfazer alucinatoriamente o desejo inconsciente (FREUD, 1916/2019). Mas mesmo esse processo primário da formação dos sonhos é regido por leis do curso inconsciente (FREUD 1940[1938]a/2020). Os processos de condensação e deslocamento, relidos por Lacan como metáfora e metonímia (OLIVEIRA, 2012), são as regras sintáticas do processo primário que deformam o pensamento onírico e produzem o sonho (FREUD, 1900/2019).

Pensamentos oníricos e conteúdo onírico se apresentam a nós como duas versões do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes, ou melhor, o conteúdo do sonho nos aparece como uma transposição dos pensamentos oníricos para outro modo de expressão, cujos signos e regras sintáticas devemos conhecer pela comparação do original com a tradução (FREUD, 1900/2019, p. 318).

O sonho se apresenta, então, como um enigma pictórico, um rébus, e tem a estrutura de uma frase (FREUD, 1900/2019) (LACAN, 1953/2021).

A condensação se manifesta mais claramente na comparação entre o relato do sonho e o registro de sua análise, sendo este muito maior por decompor as sobredeterminações dos elementos do sonho (FREUD, 1900/2019). Irma aparece no sonho representando outras mulheres, como a esposa de Freud, sua filha e uma criança que o sonhador havia atendido.

(...) elas se escondem por trás da figura onírica “Irma”, que assim é transformada numa imagem genérica, dotada de traços contraditórios. Irma se torna a representante dessas outras pessoas, sacrificadas no trabalho de

condensação, pois passo para ela tudo o que, traço a traço, me lembra essas pessoas (FREUD, 1900/2019, p. 334-335).

Já o deslocamento, se caracteriza pela transferência de todo o investimento para outra representação por uma associação externa que desconsidera os valores e os lugares dos elementos nos pensamentos oníricos (FREUD, 1900/2019). Dessa forma, um elemento importante no pensamento onírico pode ser valorizado no sonho, ou algo que era antes irrelevante ganha grande destaque (FREUD, 1900/2019).

O que importa na formação do sonho é a sobredeterminação dos elementos, que eles possam representar os diversos pensamentos oníricos e desejos inconscientes de maneira a escapar à censura. O texto produzido não possui, então, um significado único, mas múltiplos, e inclusive contraditórios.

Os sonhos não conseguem, de forma alguma, expressar a alternativa ‘ou... ou’; costumam incluir dois termos como sendo igualmente válidos. O sonho da injeção de Irma contém um exemplo clássico disso. Seus pensamentos dizem: ‘Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a culpa está *ou* em sua recusa de aceitar a solução *ou* no fato de ela viver em condições sexuais desfavoráveis, que não posso mudar, *ou* suas dores não são absolutamente de natureza histérica, mas orgânica.’ O sonho, porém, realiza todas essas possibilidades, que quase se excluem mutuamente, e não hesita em acrescentar uma quarta solução derivada do desejo onírico (FREUD, 1900/2019, p. 358).

Isso ocorre, porque o inconsciente renuncia à lógica da não contradição. Na psicose onírica trata as palavras e as ideias como se fossem coisas, aglutinando o que se assemelha, apagando algumas diferenças e ressaltando outras (FREUD, 1900/2019) (FREUD 1940[1938]a/2020) (FREUD, 1915c/2019). Além disso, o inconsciente não conta com conjunções como “ou”, “e”, “porém” e “então” que estabelecem relações lógicas entre as orações, mas as representam através da produção de imagens absurdas, e em, por exemplo, mudanças de cena, isto é, na própria forma do sonho (FREUD, 1900/2019).

Todo esse artifício gramatical é utilizado no trabalho do sonho para traduzir os pensamentos em formas de expressão regredidas. Mas não se limita a isso, pois o verdadeiro motor da formação do sonho é a realização de um desejo inconsciente, que se manifesta remodelado na alucinação do conteúdo onírico. Uma vez que não há objeto próprio para o desejo, o inconsciente deliberadamente o produz, servindo-se dos recursos que tem à sua disposição, percepções e sensações em formas de imagem, que se compõem numa forma de linguagem primária, como um rébus, um enigma a ser decifrado pelo trabalho analítico (FREUD, 1900/2019).

CAPÍTULO 3

Sexualidade, sujeito e linguagem

3.1 - Wo Es war, soll Ich werden [Onde Isso era, um Eu deve advir]

Investigaremos, agora, mais diretamente as relações entre linguagem e sexualidade na constituição sujeito – em termos lacanianos –, aproximando-o do advento do Eu como instância capaz de responder a partir do desejo inconsciente. À esta instância se liga a qualidade da consciência, “a única luz na escuridão da psicologia das profundezas” (FREUD, 1923b/2019, p. 22), a única certeza na clínica que guia o trabalho analítico são as séries de manifestações da consciência. Mas isso que se apresenta é um texto lacunar que não se justifica por si mesmo (FREUD 1940[1938]a/2020). A psicanálise visa à emergência do inconsciente, isto é, tornar consciente os processos psíquicos que sobredeterminam a presença e a ausência dos elementos desse texto (FREUD, 1900/2019). Para acessar a causa inconsciente, conta com a função e o campo da fala e da linguagem operados pela via transferencial em tratamento.

Seus meios são os da fala, na medida em que confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (LACAN, 1953/2021, p. 259).

Como discutimos anteriormente, o esquecimento de um nome e a alucinação dos sonhos, assim como os sintomas neuróticos, são manifestações de um desejo inconsciente que não pôde ser elaborado de outra maneira. Essas formações inconscientes, produzidas pelo processo psíquico primário - cujo modelo é o trabalho do sonho -, servem-se das operações lógicas desenvolvidas nas organizações anteriores da libido (FREUD, 1900/2019) (OLIVEIRA, 2022). A regressão às fixações da sexualidade infantil dão ao conteúdo manifesto um caráter fantástico e sem sentido, como efeito da tradução falha do recalque (FREUD, 1900/2019) (FREUD, 1905/2017) (FREUD, 1950[1896]/1996).

Ao permanecer na posição de dependência infantil, o Eu é objetalizado pelos impulsos do Id que buscam a satisfação imediata do desejo (FREUD, 1923b/2019). A realização do desejo ocorre ao se alcançar a identidade de percepção, isto é, ao identificar uma nova percepção à imagem mnêmica do objeto da primeira vivência de satisfação - a satisfação de uma necessidade que desperta a pulsão sexual (FREUD, 1900/2019) (FREUD, 1905/2017).

Assim, na neurose, o Eu regride ao conflito edípico do narcisismo primário em sua fantasia, por não suportar a frustração com a realidade.

A fantasia se torna o refúgio do Eu, sua compensação à renúncia imposta pelo mundo externo (FREUD, 1911/2020) (FREUD, 1917d/2019). Trata-se de uma organização sofisticada e inconsciente, inacessível ao sistema pré-consciente/consciência (FREUD, 1915c/2019). Sua alta organização se deve ao fato de ter alcançado a lógica em jogo no complexo de Édipo, do qual ela é efeito (FREUD, 1923b/2019) (FREUD, 1915c/2019). Por ter fracassado na articulação à castração, se constitui como uma resposta defensiva a esta, não se tratando, contudo, de uma negação radical, mas sim de uma compensação, uma troca ou substituição, uma “moeda neurótica” (FREUD, 1911/2020). Freud (1917d/2019) opõe a satisfação *na* fantasia, como no caso do processo primário dos sintomas neuróticos, da satisfação *através* da fantasia, como no processo secundário de uma escrita.

Dessa natureza são as fantasias dos normais e dos neuróticos, que reconhecemos como estágios preliminares da formação dos sonhos e dos sintomas e que, apesar de sua alta organização, permanecem reprimidas [recalcadas] e, como tais, não podem se tornar conscientes (FREUD, 1915c/2019, p. 132).

A fantasia é o elo intermediário entre o investimento da libido nos objetos do mundo externo - como os restos diurnos – e as imagens mnêmicas de satisfação fixadas na infância. Não se trata de mera alucinação com a imagem mnêmica porque já adquirimos faculdades mentais mais sofisticadas, uma vez que a fantasia para a psicanálise implica a travessia edípica. Mas, por outro lado, ela implica também a retirada dos investimentos dos objetivos na realidade, ao não subjetivar adequadamente a castração. Isso se evidencia tanto pelas formações do inconsciente, quanto na cena clínica por via da transferência com o analista (FREUD, 1912/2020).

Assim, vemos que os resíduos diurnos, entre os quais podemos agora incluir as impressões indiferentes, não só tomam algo do *Ics*, quando participam da formação do sonho, ou seja, a força motriz de que dispõe o desejo reprimido [recalcado], mas também oferecem ao inconsciente algo imprescindível, o necessário ponto de união para a transferência (FREUD, 1900/2019).

O paciente repete seu clichê amoroso com o analista sem saber que o faz. Por um lado, o tratamento depende do investimento libidinal na figura do analista, por outro, a intensificação do amor de transferência se manifesta como a mais forte resistência ao trabalho analítico (FREUD, 1912/2020).

A transferência pode deixar inalterada a representação pré-consciente, que assim alcança uma intensidade imerecidamente grande, ou lhe impor uma modificação por meio do conteúdo da representação que faz a transferência (FREUD, 1900/2019, p. 614-615).

A transferência não é uma invenção da psicanálise, mas esta explica o fenômeno como sendo a capacidade de investir em objetos do mundo externo repetindo modalidades de satisfação anteriores, e utiliza esse termo, em geral, para se referir à relação entre paciente e analista (FREUD, 1912/2020). Semelhante investimento ocorre no desenvolvimento psicosssexual através do laço libidinal com a instância parental até a puberdade, no tempo após o atravessamento e dissolução do complexo de Édipo que efetua a separação dos pais e a consolidação do Eu (FREUD, 1905/2019) (FREUD, 1915c/2019) (OLIVEIRA, 2022b). É por meio desta instância que uma análise acontece.

O único objeto que está ao alcance do analista é a relação imaginária que o liga ao sujeito como *eu*, e, na impossibilidade de eliminá-la, é-lhe possível servir-se dela para regular o afluxo de seus ouvidos, (...) para fazer a detecção do que deve ser ouvido. Pois não existem outros, nem terceiro nem quarto ouvidos, para uma transaudição – que se pretenderia direta – do inconsciente pelo inconsciente (LACAN, 1953/2021, p. 255).

O Eu não existe desde o começo, ele é efeito de uma diferenciação do Id causada pela incidência da alteridade (FREUD, 1914c/2019) (FREUD, 1923b/2019). Ao reconhecer o nome próprio, o Eu assume um lugar privilegiado em relação aos demais objetos. A isso corresponde a ilusão de onipotência do narcisismo primário (OLIVEIRA, 2022b) (FREUD, 1914c/2019). Através de uma escolha pela abertura à alteridade, o Eu se serve das percepções do mundo externo para se adaptar e se organizar internamente, o que é feito sobretudo através das palavras (FREUD, 1923b/2019). Estas são percepções externas que ganham papel de destaque no funcionamento psíquico, pois são capazes de estabelecer marcas mnemônicas de elos de pensamentos (FREUD, 1950[1895]).

Essas representações verbais são resíduos de memória; foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser conscientes. Antes de seguirmos tratando de sua natureza, ocorre-nos, como uma nova descoberta, que apenas pode tornar-se consciente aquilo que uma vez já foi percepção *cs*, e que, excluindo os sentimentos, o que a partir de dentro quer tornar-se consciente deve tentar converter-se em percepções externas. O que se torna possível mediante os traços mnemônicos (FREUD, 1923b/2019, p. 24).

A função central da instância egoica de mediação entre o Id, o Super-eu e o mundo externo lhe confere papel decisivo em análise. Por sua relação preestabelecida com a percepção e a motilidade, é quem fala e ouve a partir de outro lugar (FREUD 1940[1938]a/2020). As demais instâncias também exercem influência sobre as elaborações expressas através do Eu. Uma função da análise é introduzir uma dimensão para além da identificação primária, a dimensão da alteridade interna para propiciar sua subjetivação na medida do possível (FREUD, 1915a/2019) (OLIVEIRA, 2022b).

Ao longo do desenvolvimento, o Eu que tornou-se apto a realizar renúncias pulsionais por exigência do Super-eu é capaz de, levando a percepção em consideração, alterar processos no interior do Id (FREUD, 1923b/2019). No primeiro momento, a função superegógica de exigência de renúncia pulsional é exercida pela instância parental, cuja autoridade é internalizada na dissolução do complexo de Édipo com a inscrição da castração - no caso da posição masculina (FREUD, 1924b/2019).

O pai encarna a função mítica de agente da castração na fantasia do menino. Nesta, a crença de que será privado de seu pênis se continuar numa relação incestuosa com sua mãe concede à figura do pai o peso simbólico da função paterna (OLIVEIRA, 2022b). A ameaça de castração só tem efeito *a posteriori*, quando a atividade de pensamento inconsciente escolhe por associar a percepção da falta do pênis no sexo feminino à ameaça de castração que seria realizada pelo agente no qual se acredita (FREUD, 1924b/2019) (COELHO DOS SANTOS, 2022b).

A entrada no complexo de Édipo depende da crença no Nome-do-Pai, depende de dizer um primeiro “sim” à função paterna como interditora do incesto e transmissora do desejo pela articulação do Édipo ao complexo de castração (COELHO DOS SANTOS, 2022b) (COELHO DOS SANTOS, 2022a). Na psicose o que ocorre é a imediata e radical rejeição (*Verwerfung*) do Nome-do-Pai, enquanto na neurose o que se verifica é uma primeira inscrição que é em seguida negada pelo recalque (COELHO DOS SANTOS, 2022a) (COELHO DOS SANTOS, 2022b). Já o indivíduo saudável é aquele ser desejante capaz de amar e trabalhar, satisfazendo-se com objetos reais e assumindo seu lugar no laço social (FREUD, 1917f/2019). Para tanto, foi preciso muita renúncia pulsional na construção de um corpo e uma resposta singular diante do enigma da sexualidade (OLIVEIRA, 2022a).

A constituição da singularidade está necessariamente atrelada à dimensão da herança simbólica arcaica da família e da humanidade, de modo que a articulação do complexo de Édipo ao complexo de castração corresponde tanto ao núcleo da neurose, quanto a um dispositivo de transmissão do desejo (OLIVEIRA, 2022b). Isso se expressa na lei de Haeckel retomada por Freud: a ontogênese repete a filogênese (FREUD, 1924b/2019).

Embora o complexo de Édipo seja vivido pela maioria das pessoas individualmente, ele é um fenômeno determinado pela hereditariedade, por ela estabelecido, que programadamente deve passar, quando começa a fase seguinte e predeterminada do desenvolvimento. (...) Mas sempre interessa acompanhar como esse programa inato é executado, de que maneira danos ocasionais tiram proveito da predisposição (FREUD, 1924b/2019, p. 205).

O Eu é constituído por uma dupla existência, como indivíduo que tem na sexualidade uma de suas funções, e como elo de uma cadeia transgeracional em que é o transmissor da

herança filogenética (FREUD, 1914c/2019). A passagem do narcisismo primário ao secundário corresponde a um rearranjo desses eixos na medida em que deixa de ser mero objeto alvo de investimento e transmissão, assumindo uma posição de sujeito que fala em nome próprio (OLIVEIRA, 2022b). É fundamental que ocorra o deslocamento do Eu ideal para o Ideal do Eu através da substituição dos investimentos objetais nos pais pela identificação a estes que se tornam modelo para o sujeito em vias de advir (FREUD, 1924b/2019). A inscrição da castração corresponde a essa barra entre o Eu e o ideal.

O complexo de Édipo dissolvido pelo recalque permanece na fantasia como uma estrutura que organiza o investimento libidinal nos objetos, contudo nela a diferença sexual e geracional é apenas parcialmente reconhecida (OLIVEIRA, 2022b). De modo que, na puberdade, o encontro com o objeto sexual é, na verdade, um reencontro, pois toma os pais como modelo e essa relação primária se torna o posterior clichê amoroso (FREUD, 1905/2017) (FREUD, 1912/2020).

É na tarefa de diferenciar possíveis objetos sexuais que se apresentam dos objetos interditados da infância que a neurose revela o seu impasse (FREUD, 1905/2017) (FREUD, 1912/2020). A prova de realidade pelo processo secundário não é realizada de forma eficaz. Por meio desse processo, os objetos que atraem a atenção do Eu são analisados pelo juízo de existência, de modo que se a realização de desejo não for adequada e correspondente à percepção de um objeto real, a descarga pulsional será barrada (COELHO DOS SANTOS, 2022a) (FREUD, 1950[1895]). Assim, o processo secundário do Eu, aliado do mundo externo, evita a satisfação alucinatória de desejo, o que é suspenso nos sonhos devido ao rebaixamento do recalque (FREUD, 1950[1895]). Os sintomas neuróticos são satisfações substitutivas que presentificam os objetos imaginários da fantasia de forma deformada, o que atesta a operação parcial da prova de realidade (FREUD, 1914c/2019): “Por fim, não se deve esquecer que a relação analítica se baseia no amor à verdade, isto é, no reconhecimento da realidade, e exclui todo engano e aparência” (FREUD, 1937/2020, p. 319). Uma psicanálise de uma neurose visa reintroduzir o Nome-do-Pai, isto é, fazer valer a interdição do incesto dando lugar para que um novo desejo possa surgir (COELHO DOS SANTOS; LOPES, 2013).

O que não foi elaborado nos tempos de cada organização da libido resta como um não saber sobre algo constituinte (OLIVEIRA, 2022b). O trabalho de análise permite a historicização dos investimentos libidinais e a explicitação dos mecanismos de defesa e das modalidades de satisfação pulsional. Esse processo é viabilizado quando o analista aprende a falar a língua do inconsciente do sujeito, estabelecendo laço com um código originalmente autoerótico, que se satisfaz em si mesmo (OLIVEIRA, 2022a). A exploração da palavra em

sua dimensão significativa permite ao Eu se ligar e alterar os processos no interior do Id, ao passo que também insere esse Eu na cadeia transgeracional ao se servir da herança simbólica do código compartilhado para endereçar seu desejo a um ideal civilizatório (FREUD, 1923b/2019). Isso cada sujeito só pode realizar de maneira singular, mas em análise encontra uma parceria para a concretização desse feito.

Sua [da psicanálise] intenção é, realmente, fortalecer o Eu, torná-lo mais independente do Super-eu, ampliar seu âmbito de percepção e melhorar sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do Id. Onde era Id, há de ser Eu (FREUD, 1933a/2020, p. 223).

O legado de Freud é, com efeito, a realização de uma obra cultural que se fundamenta na escuta analítica orientada pelo amor à verdade (FREUD, 1937/2020). A veracidade e a eficácia da estrutura teórica e técnica da psicanálise é verificável no caso a caso das evidências materiais que se dão no campo da linguagem, prevalentemente através da fala na transferência.

3.2 - Diagnóstico diferencial e a perda de realidade na neurose e na psicose

Da maneira mais sucinta, a psicanálise é definida como uma técnica de investigação científica, um método de tratamento e uma teoria que intervém nos fenômenos psíquicos de modo a esclarecer a estrutura que os constitui (FREUD, 1923a/2019). Embora realize interessantes e profícuos diálogos com as áreas da filosofia e da arte, por exemplo, não se pode perder de vista a história do seu nascimento que a revela como herdeira da medicina. A aparente estranheza de uma ciência humana utilizar termos como “psicopatologia” e “diagnóstico” se justifica pelo fato de que a psicanálise é inventada para tratar os psiconeuróticos que padecem de diferentes modalidades de mal-estar, de modo que é o interesse pela saúde que se estabelece desde o primeiro momento.

A orientação freudiana em *O Início do Tratamento* (FREUD, 1913/2020) é a de conduzir um ensaio preliminar que vise, primeiramente, o estabelecimento da transferência do paciente com o analista e a realização da sondagem diagnóstica para decidir se o caso é ou não apropriado para análise. Por vezes pode acontecer que se trate, de fato, de um sintoma orgânico, ou que o analista não tenha condições de atender a especificidade do caso, de maneira que a psicanálise não é aplicada indistintamente em todo caso e sob qualquer circunstância: “Recordemo-nos, porém, de que não se pode enfrentar a vida como um higienista ou terapeuta fanático” (FREUD, 1910/2020, p. 300).

Só é possível estabelecer uma direção para o tratamento a partir do diagnóstico diferencial na e da transferência.

No lugar da doença do paciente, surge aquela produzida artificialmente, isto é, a doença da transferência; em lugar dos diversos objetos libidinais irrealis, um só objeto, novamente fantasioso, que é a pessoa do médico (FREUD, 1917f/2019, p. 601).

Assim, a transferência manifesta, por meio de repetições da ordem de atuações ou passagens ao ato, a singularidade e a particularidade de cada caso. Na neurose de transferência se verifica o traço prevalente da condensação (metáfora), de modo que ao analista é transferido o lugar da instância parental – o Outro primordial – interdita (FREUD, 1912/2020) (OLIVEIRA, 2022b). A atenção a essa interdição é fundamental para a distinção entre neurose e psicose, pois nesta a transferência é impossibilitada pelo insuficiente investimento nos objetos do mundo externo, ou o extremo oposto, a transferência acontece em seu sentido radical de deslocamento (metonímia) de toda a libido para a representação do analista (FREUD, 1914/2019) (FREUD, 1900/2019) (COELHO DOS SANTOS, 2022b). Portanto, a natureza da transferência é índice da relação do sujeito com a realidade e, por essa importância, configura um texto a ser lido numa sondagem diagnóstica.

Neurose e psicose são entendidas como um distúrbio do Eu (FREUD, 1924a/2019). Essa instância tem o papel de mediação entre as demais instâncias - Id e Supereu - e o mundo externo, cada qual realiza exigências díspares que colocam para o Eu o desafio da conciliação (FREUD, 1924a/2019).

(...) a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de uma tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior (FREUD, 1924a/2019, p. 177).

Desde o mundo externo e do interior do corpo chegam estímulos que colocam o psiquismo em trabalho de elaboração. A primeira maneira de lidar com esses estímulos é acolher aqueles que geram prazer, e atribuir ao mundo externo tudo o que é fonte de desprazer. Ou seja, a recepção e a aquisição de provas da realidade exterior são seletivas. É o que ocorre, por exemplo, diante do encontro com a diferença sexual (FREUD, 1940[1938]a/2020). O menino pequeno que vê a ausência do pênis na irmã, não lhe atribui um outro genital, mas interpreta a percepção como um órgão muito pequeno que ainda vai crescer. É só depois da ameaça de castração que se torna possível associar as duas cenas – lembrança da percepção e ameaça –, possibilitando também uma nova assunção a respeito de si, o outro e a realidade (FREUD, 1940[1938]a/2020).

O mundo externo é traumático, uma vez que necessariamente o sujeito irá se confrontar com percepções que lhe causam profundo desprazer. Diante disso, em nome de

uma estabilidade psíquica, o Eu promove mecanismos defensivos que têm por consequência uma cisão do Eu (FREUD, 1940[1938]b/2020). O Eu desenvolve duas posturas frente a realidade, por um lado, aceita e afirma sua percepção mantendo-se aliado do mundo externo, por outro, recusa suas percepções em prol da satisfação pulsional. O traço distintivo entre neuroses e psicoses se caracteriza pelo fator quantitativo de qual dessas forças tem mais intensidade - o mundo externo nas neuroses, e o Id nas psicoses (FREUD, 1940[1938]a/2020).

O fracasso da sexualidade infantil impõe a tarefa de subjugar-la através do recalque, um não querer saber sobre nada do assunto, e um voltar-se para o mundo compartilhado da cultura. Mas há casos em que a sexualidade infantil é triunfante, quando a interdição da função paterna não foi efetivada, o sujeito pode ter respondido com uma recusa mais radical - com a abolição (*Verwerfung*). Há inúmeros fatores que atuam nesse processo, impressões acidentais, disposições inatas singulares, e influências filogenéticas (FREUD, 1940[1938]a/2020).

Contudo, os mecanismos de defesa estão destinados a falhar, pois o mundo externo se impõe independentemente do que se gostaria. Assim, o que foi recusado, pelo recalque nas neuroses, ou pela abolição nas psicoses, irá retornar com uma nova exigência de elaboração.

(...) não importa o que faça o Eu em seus esforços de defesa, que procure recusar uma parcela do mundo externo real ou rejeitar uma demanda instintual [pulsional] do mundo interior, o êxito jamais é completo, integral; sempre nascem duas atitudes opostas das quais mesmo a vencida, a mais fraca, leva a complicações psíquicas (FREUD, 1940[1938]a/2020, p. 269-270).

O primeiro tempo da defesa consiste no retorno da libido ao Eu devido à frustração com a alteridade (FREUD, 1914c/2019). O segundo visa corrigir o dano e restabelecer a relação com a realidade às custas do Eu (FREUD, 1924c/2019). A perda de realidade é o preço a ser pago pela expressão da rebeldia do Id contra o mundo externo.

A fantasia serve de compensação à restrição ao Id, que, impedido de realizar seus impulsos diretamente, se expressa pelo retorno do recalcado. Isto é, o retorno no simbólico do que foi recusado implica em uma renúncia da realidade psíquica e ao mesmo tempo uma tentativa de “(...) fazê-la ressurgir emprestando-lhe uma significação particular, um sentido secreto, que chamamos simbólico” (LACAN, 1955-1956/2021, p. 58). É o sintoma como metáfora, uma mensagem cifrada efeito da formação de compromisso entre a aceitação e a negação, pela fuga, da castração.

Na neurose, é no segundo tempo, e na medida em que a realidade não é plenamente rearticulada de maneira simbólica no mundo exterior, que há no sujeito, fuga parcial da realidade, incapacidade de enfrentar essa parte da realidade, secretamente conservada (LACAN, 1955-1956/2021, p. 58).

O segundo estágio da psicose também busca compensar a perda de realidade, mas de outro modo, com a criação de uma nova – atendendo às exigências do Id. A realidade externa é que foi, em primeiro lugar, provida de um buraco, dilacerada, e que o delírio vai remodelar (LACAN, 1955-1956/2021). Na psicose, o sujeito não conta com a fantasia, porque não conta com o complexo de Édipo, nem sua dissolução pelo recalque. Assim, a libido frustrada que retornou ao Eu fica aí represada e toma o caminho da megalomania (FREUD, 1914/2019).

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada — e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização — mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício (LACAN, 1955-1956/2021, p. 105).

Um importante traço distintivo da psicose são os fenômenos elementares, como as alucinações. É verdade que também o neurótico alucina através do sonho, a ponto de Freud afirmar que “(...) o sonho é uma psicose, com todos os absurdos, delírios e ilusões de uma psicose” (FREUD, 1940[1938]a/2020), mas é uma psicose de curta duração, benéfica e que pode ser encerrada por um ato de vontade. Essa comparação não pode ser levada muito mais adiante, o sonho é uma alucinação que possui um sentido oculto, mas na psicose propriamente dita a situação é diferente (FREUD 1940[1938]a/2020). Nela, o significante que retorna não remete a outra coisa, o significante é a própria coisa (OLIVEIRA, 2022a) (FREUD, 1915c/2019). Dessa forma, o que retorna não é simbolizado – como na neurose –, mas volta do exterior, aparecendo como uma radical diferença, como algo completamente inédito (COELHO DOS SANTOS, 2022a) (LACAN, 1955-1956/2021). “(...) o que foi rejeitado do simbólico reaparece no real (...)” (LACAN, 1955-1956/2021, p. 59).

É o que Lacan demonstra em *Eu venho do salsicheiro* (LACAN, 1955-1956/2021), quando retoma os textos *Neurose e psicose* (FREUD, 1924a/2019) e *Perda da realidade na neurose e na psicose* (FREUD, 1924c/2019) no intuito de esclarecer as diferenças entre neurose e psicose no que tange às perturbações que elas produzem nas relações do sujeito com a realidade (LACAN, 1955-1956/2021). Ele apresenta a seguinte vinheta clínica para ilustrar a fundamentação clínica da discussão.

Trata-se de uma paranoia a dois, mãe e filha, sendo esta última a paciente de que se trata o relato. Esta moça foi descrita como muito simpática, e considerada por seu chefe como uma mulher encantadora de quem todos gostavam. Ela era casada e morava com sua mãe e o marido, que devido à situação conjugal dramática queria lhe cortar em rodelas. Eles eram vizinhos de uma mulher que tinha um amante, que era ele também um homem casado. A paciente conta que, um dia, no corredor, ao sair de casa, passou por esse homem mal-educado,

amante de sua vizinha. Quando se cruzaram, ele teria lhe dito um palavrão, que ali na sessão ela ainda tinha como uma coisa engasgada e não estava disposta a repetir porque lhe depreciava (LACAN, 1955-1956/2021).

Lacan relata que com uma certa doçura na aproximação com ela após cinco minutos de entrevista, permitiu que eles tivessem um bom entendimento. Assim, ela concede com um riso e confessa que não era inocente. Antes de receber a injúria, ela mesma tinha dito algo ao homem ao passar por ele. O que ela disse foi: “Eu venho do salsicheiro”. Ao que, diante dessa fala, o rapaz respondeu: “Porca”. A moça, então, toma esse dito como uma mensagem que lhe define (LACAN, 1955-1956/2021).

A partir da apresentação dessa vinheta clínica, Lacan discute a diferença da fala na neurose e na psicose, bem como o que retorna, nas duas estruturas, do que não foi elaborado simbolicamente. *Eu venho do salsicheiro* (LACAN, 1955-1956/2021) exemplifica como, na fala delirante, a mensagem que diz sobre o sujeito é dita para o outro em forma de alusão, não há uma verdade atrás, de modo que o que se diz é a própria resposta. O circuito se fecha em dois outros semelhantes, excluindo o Outro.

O delírio é, com efeito, legível, mas ele é também transcrito num outro registro. Na neurose, fica-se sempre na ordem simbólica, com esta duplicidade do significante e do significado que é o que Freud traduz pelo compromisso neurótico. O delírio se passa em um registro bem diverso. Ele é legível, mas sem saída (LACAN, 1955-1956/2021, p. 127).

Na neurose o que ocorre é bem diferente, o sujeito endereça sua mensagem ao Outro que ele reconhece em primeiro lugar, e a partir do qual, na fala verdadeira, faz-se reconhecer (LACAN, 1955-1956/2021). O neurótico comporta o duplo sentido, mas, paradoxalmente, este é o seu impasse, que se lhe apresenta como um enigma – diante do que o analista pergunta: “o que isso quer dizer?” (LACAN, 1953/2021) (COELHO DOS SANTOS, 2022b). Pelo sujeito contar com a referência ao Outro, o analista faz a aposta de que uma saída é possível através da fala verdadeira, em que o sujeito percorre um destino no qual a ontogênese repete a filogênese (LACAN, 1955-1956/2021) (FREUD, 1924b/2019).

A comunicação do segredo terá atacado no ponto mais sensível a ‘equação etiológica’ de que se originam as neuroses, terá tornado ilusório o ganho obtido com a doença e, por isso, a consequência última da situação modificada pela indiscrição do médico [analista] só poderá ser o fim da produção da doença (FREUD, 1910/2020, p. 299).

A realidade que se perde tanto na neurose quanto na psicose é a realidade cultural, que não tem o sentido de uma verdade bruta, mas de uma ficção constituída no laço com o Outro, no campo da fala e da linguagem. Mesmo na psicose, essa realidade não é inteiramente perdida, pois o sujeito não está fora do campo da linguagem – assim, o pai que foi rejeitado

no simbólico retorna no real (COELHO DOS SANTOS, 2022b). É pela realidade se constituir como laço libidinal, que transmite algo e é ao mesmo tempo traumático, que a clínica do sujeito é, segundo o psicanalista francês Jacques-Alain Miller, também clínica da civilização (COELHO DOS SANTOS, 2022b).

Sobretudo, as energias todas que atualmente são gastas na produção de sintomas neuróticos, a serviço de um mundo de fantasia isolado da realidade, ajudarão a reforçar — se já não puderem reverter em favor da vida — o clamor pelas transformações em nossa cultura, nas quais enxergamos a única salvação para os nossos descendentes (FREUD, 1910/2020, p. 301).

Por fim, em *As Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica* (FREUD, 1910/2020), o tratamento analítico é enunciado como sendo também uma obra cultural, de modo que Freud deixa um legado que consiste em combater a pulsão de morte através do esclarecimento, possibilitando não apenas ao sujeito, mas também ao laço social e à civilização que advenham.

Despeço-me dos senhores, então, garantindo-lhes que cumprem seu dever em mais de um sentido, quando tratam psicanaliticamente os seus doentes. Trabalham não apenas a serviço da ciência, ao aproveitar a oportunidade única de penetrar os segredos das neuroses; não apenas proporcionam a seus doentes o tratamento mais eficaz para seus males que hoje temos à disposição; mas também contribuem para o esclarecimento das massas, do qual esperamos a mais abrangente profilaxia das enfermidades neuróticas, pela via indireta da autoridade social (FREUD, 1910/2020, p. 301).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a consolidação das bases que sustentam um primeiro aporte nas obras de Freud e Lacan. Através da elaboração de argumentos com fundamentação teórica e clínica principalmente nesses autores, busquei abordar linhas de raciocínio que reúnem não só as formulações dos próprios autores, mas também articulações entre ambos.

Visando alcançar o que é o mais fundamental nas concepções abarcadas, confrontei-me com a dificuldade de escapar ao excesso de abstrações, o que busquei tratar recorrendo à clínica, apontando qual o ponto merecia mais destaque, ou trazendo exemplos apresentados por Freud ou Lacan. Essa ênfase no questionamento pela importância prática do que era abordado se mostrou como um caminho bastante profícuo tanto para o aprofundamento teórico, quanto para não perder de vista que a eficácia do tratamento é o que está em primeiro plano na experiência analítica.

O começo do trabalho com a retomada da discussão a respeito da maneira como a psicanálise se insere na visão de mundo científica marca um posicionamento que tentei sustentar e defender ao longo da série de textos, além de servir muito bem à introdução ao alcance da lógica que está em jogo. A formulação freudiana da hipótese do inconsciente marca a fundação da psicanálise como um método de investigação dos fenômenos psíquicos capaz de esclarecer sua estrutura. Freud não constrói essa hipótese do nada, mas esta é consequência de seu empenho clínico no tratamento das psiconeuroses, que teve início a partir de seu contato com Joseph Breuer, seu mestre e amigo. A retomada da história do nascimento da psicanálise, mesmo tendo sido muito bem abordada na transmissão dos professores durante a graduação no curso de psicologia, continua se revelando como terreno muito fértil para se compreender o que constitui o fundamento da teoria e da clínica psicanalítica. As pacientes históricas de Freud tiveram participação muito ativa na condição de possibilidade da sua descoberta do inconsciente.

No âmago das neuroses — que muitas vezes foram tidas por fingimentos, uma vez que os médicos não encontravam uma etiologia orgânica que explicasse os fenômenos patológicos —, Freud se deparou com um conflito psíquico de natureza sexual. A investigação psicanalítica revelou, então, que a concepção de sexualidade do senso comum da época estava equivocada. Até então, por sexualidade entendia-se apenas o ato sexual que deveria visar a reprodução. Essa era a visão da sexualidade “normal”, a partir de uma norma suposta que via homem e mulher como seres complementares. Contudo, o que a experiência analítica

demonstra e a ampliação do conceito de sexualidade explica é que a sexualidade humana é muito mais plástica do que se pensava, de tal maneira que o humano não é constituído por instintos, mas sim por pulsões. Essa distinção é fundamental, e tem implicações éticas para a prática. A pulsão no ser humano não tem objeto determinado *a priori* como o instinto nos animais — o que Lacan depois aborda a partir da linguagem humana como radicalmente distinta do que vigora no restante do reino animal.

Ninguém sabe o lugar certo onde colocar o desejo, não contamos com o instinto animal. Contudo contamos com a cultura e a linguagem, de modo que, ainda que tenhamos nascido na condição fundamental do desamparo, tivemos — na melhor das hipóteses — um Outro que cuidou para que pudéssemos sobreviver e nos transmitiu coordenadas para habitar o laço social. Cada novo espécime humano tem a difícil tarefa de adquirir o vasto patrimônio simbólico da humanidade, construído por uma infinidade de gerações, para elaborar uma resposta própria e singular ao enigma do seu desejo. “A ontogênese repete a filogênese” nos dois sentidos. Por um lado, precisamos percorrer um longo desenvolvimento que visa a aquisição de lógicas e símbolos que correspondem às respostas construídas por nossos antepassados — nesse sentido, primeiramente repetimos as respostas já dadas às questões, sem precisar inventar a roda. Por outro lado, as respostas dos antepassados se revelam um cobertor curto, que não dá conta de abraçar toda a complexa singularidade de uma pessoa, de modo que cabe a cada um criar algo de novo a partir de seu desejo, algo que poderá também ser transmitido às futuras gerações.

Mas isso depende do percurso por sucessivas organizações da libido, que se somam uma à outra, sobrepondo-se. O auge desse desenvolvimento se dá através do complexo de Édipo, importante aparelho de civilização das pulsões. Na neurose, o sujeito não adveio respondendo a partir de seu desejo, mas permanece na posição de objeto do Outro, na posição infantil de dependência. A regressão às fixações da sexualidade infantil demonstram que não se foi capaz de renunciar às intensas satisfações autoeróticas que caracterizam esse primeiro tempo da vida, houve uma inibição do desenvolvimento. Diante da dificuldade de subjetivar a castração, que impõe dolorosas feridas narcísicas, a escolha pela neurose (FREUD, 1911/2020) constitui uma forma de satisfação substitutiva através dos sintomas. O sintoma neurótico é, então, a realização de uma fantasia inconsciente — em que o neurótico busca uma compensação ao preço de uma perda de realidade.

O neurótico evidencia um não saber sobre aquilo que lhe causa, como consequência dessa perda de realidade que é, por sua vez, efeito da negação de sua condição primordial de desamparo e de objeto sexual da instância parental. Assim, a neurose é o negativo da

perversão. Os sintomas, sonhos, atos falhos e chistes são o retorno do recalcado, que se apresenta como um conteúdo deformado, uma mensagem cifrada. De modo que, a tarefa analítica consiste na interpretação, na decifração dessa mensagem a partir do texto que o paciente apresenta através da fala endereçada ao analista em transferência.

Essa reconstrução sintética do desenvolvimento teórico freudiano é abordado também na dimensão dos registros de memória do aparelho psíquico, com observação aos diferentes processos que neles atuam. Nessa perspectiva, o psiquismo se organiza a partir da percepção e da memória que são mutuamente excludentes. A inscrição nos registros das incidências da alteridade depende do investimento no outro, levando em consideração o mundo externo. Essa atenção serve como filtro para a inscrição na memória das percepções que chegam (FREUD, 1950[1895]), de modo que a percepção consciente já pressupõe algum processo de elaboração psíquica, ainda que muito primitivo. Assim, o nosso contato com o mundo externo é sempre mediado pelo inconsciente, o que quer dizer também que os fenômenos da consciência tem sua causa nas camadas mais profundas do aparelho psíquico.

A compulsão à repetição revela a radicalidade da determinação a partir das marcas na superfície do psiquismo. Nesse mecanismo o que prevalece é a relação dual do sujeito com a pulsão, sem considerar as demandas da cultura e a prova de realidade como mediadoras para a satisfação. Ou seja, trata-se do princípio do prazer da sexualidade infantil levado às últimas consequências como pulsão de morte.

Se por um lado a psicanálise nos coloca uma questão ética quanto à consideração das diferentes modalidades de satisfação da pulsão que não possuem um objeto conatural – como o instinto –, de modo que a psicanálise não é prescritiva ou normativa. Por outro lado, a psicanálise se constitui como uma tarefa de barrar a pulsão de morte, e talvez possamos mesmo dizer que esse é seu objetivo mais fundamental. Ela o faz através do laço transferencial, ao convidar o paciente à associação livre com a aposta de que através da fala um sujeito pode advir.

Nesse sentido, o diálogo estabelecido entre os autores pela aproximação realizada parece-me ter sido muito profícua para o meu próprio aprofundamento teórico, de modo a tornar inteligíveis alguns pontos que já me chamavam atenção, mas permaneciam confusos. Espero ter feito um bom uso dos autores, possibilitando articulações mas também a distinção entre ambos. Lacan enuncia em diferentes momentos do seu ensino a orientação de um retorno a Freud, de modo que é surpreendente e instigante como em algumas passagens aquele esclarece este, redizendo a formulação freudiana à sua maneira. Embora Freud tenha trabalhado a questão da linguagem no texto das afasias, por exemplo, ou trate a lógica em

jogo através de sua teoria dos neurônios, e ainda que isso reapareça ao longo de toda a obra, o entendimento de que do que se trata em psicanálise é uma estrutura de linguagem fica muito distante de ser alcançado sem a orientação da releitura lacaniana à luz do estruturalismo.

Temo que, apesar de ter abordado questões referentes à linguagem e à sexualidade, não tenha estabelecido de forma direta ou suficiente a relação entre ambas. Mas penso ter abordado essa relação, ainda que de forma lacunar e às vezes implícita, ao longo de todos os textos, uma vez que seria impossível não fazê-lo ao circular pela teoria e clínica psicanalítica.

Por fim, esse trabalho aponta o caminho para futuras investigações a partir das novas questões que surgem, além de não esgotar a elaboração do que foi aqui exposto. Desejo prosseguir nesse retorno a Freud com Lacan, movimento que tem sido tão estimulante e tem possibilitado uma nova percepção muito formadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, M. C. (2002). O SUJEITO NA TEORIA DO SIGNIFICANTE. In: ANTUNES, M. C. **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2002.

BREUER, J.; FREUD, S. (1893-1895). **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Trad. Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 2.

COELHO DOS SANTOS, T.; LOPES, R. G. (2013). **Psicanálise, ciência e discurso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2013. v.1. 371p.

COELHO DOS SANTOS, T. (1999). “Isso” é uma estrutura significante: “Goza-se de um corpo”. In: Jimenez, S. e Motta, M.B (orgs.). **O desejo é o diabo: as formações do inconsciente de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999 v. 1. p. 149-163.

COELHO DOS SANTOS, T. (2022a). **Curso de Extensão Psicopatologia Psicanalítica Clássica e Contemporânea**. São João Del Rei: UFSJ/PPGPSI, 2022.

COELHO DOS SANTOS, T. (2022b). Psicopatologia Psicanalítica Clássica e Contemporânea. In: OLIVEIRA, F. L. G. **Curso de Extensão - As Estruturas Clínicas e a Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade**. Niterói: UFF/IP, 2022.

COSTA, C. A. R. (2022). Dispositivos Clínicos Psicanalíticos. In: COSTA, C. A. R. **Estágio Específico Supervisionado IV**. Niterói: UFF/IP, 2022. Notas de aula.

FREUD, S. (1890). O Tratamento Psíquico (Tratamento Anímico). In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Trad. Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, v. 2, p. 19-43.

FREUD, S. (1891). Sobre a concepção das afasias. In: FREUD, S.; GARCIA-ROZA, L. A. **Afasias: Sobre a concepção das afasias; As Afasias de 1891**. Edição: Freud & Seus Interlocutores. Trad. Renata Dias Mundt. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

FREUD, S. (1894). Neuropsicoses de Defesa. In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. 3 p. 24-39 do pdf.

FREUD, S. (1898). O Mecanismo Psíquico do Esquecimento. In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 3 p. 168-174 do pdf.

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto Para Uma Psicologia Científica. In: FREUD, S. **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1 p. 355-455

FREUD, S. (1950[1896]). Carta 52. In: FREUD, S. **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1 p. 287-293.

FREUD, S. (1900). **A Interpretação Dos Sonhos (1900)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.

FREUD, S. (1901). Esquecimento de Nomes Próprios. In: FREUD, S. **Psicopatologia da Vida Cotidiana e Sobre Sonhos (1901)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 5, p. 15-22.

FREUD, S. (1905). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 6, p. 13-172.

FREUD, S. (1905[1901]). Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”). In: FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 6, p. 173-320.

FREUD, S. (1908). Sobre as Teorias Sexuais Infantis. In: FREUD, S. **O Delírio e os Sonhos na *Gradiva*, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e outros textos (1906-1909)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v. 8, p. 390-411.

FREUD, S. (1909). Observações sobre um Caso de Neurose Obsessiva (“Homem dos Ratos”). In: FREUD, S. **Observações sobre um Caso de Neurose Obsessiva (“Homem dos Ratos”), Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 9, p. 13-112.

FREUD, S. (1910). As Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica. In: FREUD, S. **Observações sobre um Caso de Neurose Obsessiva (“Homem dos Ratos”), Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 9, p. 287-301.

FREUD, S. (1911). Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos Sobre Técnica e outros textos (1911-1913)**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 108-121.

FREUD, S. (1912). A Dinâmica da Transferência. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos Sobre Técnica e outros textos (1911-1913)**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 133-146.

FREUD, S. (1913). O Início do Tratamento. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos Sobre Técnica e outros textos (1911-1913)**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 163-192.

FREUD, S. (1914a). Recordar, Repetir e Elaborar. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos Sobre Técnica e outros textos (1911-1913)**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 193-209.

FREUD, S. (1914b). Contribuição à História do Movimento Psicanalítico. In: FREUD, S. **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 11, p. 245-327.

FREUD, S. (1914c). Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 13-50.

FREUD, S. (1915a). Os Instintos e seus Destinos. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 51-81.

FREUD, S. (1915b). A Repressão. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 82-98.

FREUD, S. (1915c). O Inconsciente. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 99-150.

FREUD, S. (1916). Conferência 11: O Trabalho do Sonho. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 229-247.

FREUD, S. (1917a). Conferência 18: A Fixação no Trauma, o Inconsciente. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 364-381.

FREUD, S. (1917b). Conferência 20: A Vida Sexual Humana. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 401-424.

FREUD, S. (1917c). Conferência 21: O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 424-450.

FREUD, S. (1917d). Conferência 23: Os Caminhos da Formação de Sintomas. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 475-500.

FREUD, S. (1917e). Conferência 26: A Teoria da Libido e o Narcisismo. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 545-569.

FREUD, S. (1917f). Conferência 28: A Terapia Analítica. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13, p. 593-613.

FREUD, S. (1919). Caminhos da Terapia Psicanalítica. In: FREUD, S. **História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 14, p. 279-292.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, S. **História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 14, p. 161-239.

FREUD, S. (1923a). “Psicanálise” e “Teoria da Libido” . In: FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 15, p. 273-308.

FREUD, S. (1923b). O Eu e o Id . In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 13-74.

FREUD, S. (1924a). Neurose e Psicose. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 176-183.

FREUD, S. (1924b). A Dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 203-213.

FREUD, S. (1924c). A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 214-221.

FREUD, S. (1925). Nota sobre o “Bloco Mágico”. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 267-274.

FREUD, S. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 13-122.

FREUD, S. (1933a). Nova Conferência 31: A Dissecção da Personalidade Psíquica. In: FREUD, S. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933). In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 18, p. 192-223.

FREUD, S. (1933b). Nova Conferência 35: Acerca de uma Visão de Mundo. In: FREUD, S. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933). In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 18, p. 321-354.

FREUD, S. (1940[1938]a). Compêndio de Psicanálise. In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 189-273.

FREUD, S. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 274-326.

FREUD, S. (1940[1938]b). A Cisão do Eu no Processo de Defesa. In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 345-350.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 238-324.

LACAN, J. (1964). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964). In: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 843-864.

LACAN, J. (1966). A ciência e a verdade. In: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 869-892.

LACAN, J. (1955-1956). **O seminário, livro 3: as psicoses**. Trad. Aluizio Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, F. L. G. (2012). **O sintoma e seu estatuto na psicanálise: considerações sobre a clínica do significante**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2012.

OLIVEIRA, F. L. G. (2022a). **Curso de Extensão - As Estruturas Clínicas e a Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade**. Niterói: UFF/IP, 2022.

OLIVEIRA, F. L. G. (2022b). **Psicologia do Desenvolvimento II**. Niterói: UFF/IP, 2022. Notas de aula.

SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SBANO, V. C. (2018). **Teorias e Sistemas Psicológicos I**. Niterói: UFF/IP, 2018. Notas de aula.